

**Viaje de Estudios a Portugal**  
**Asociación Española de Paisajistas**  
**27-28-29-30 abril y 1 de mayo 2012**

## **ITINERARIO PREVISTO. VIAJE AEP – PORTUGAL 2012**

### Viernes 27 de abril de 2012

- Salida en autobús (lugar de salida todavía por definir) a las 15:00 h (hora española).
- Viaje hasta Lisboa, duración aproximada 7,30 h. Llegada 22:30 h. (hora portuguesa)

Alojamiento en “Evidencia Astoria Creative Hotel” (Lisboa). [http://www.tripadvisor.es/Hotel\\_Review-g189158-d498261-Reviews-Evidencia\\_Astoria\\_Creative\\_Hotel-Lisbon\\_Estremadura.html](http://www.tripadvisor.es/Hotel_Review-g189158-d498261-Reviews-Evidencia_Astoria_Creative_Hotel-Lisbon_Estremadura.html)

### Sábado 28 de abril de 2012

#### Actividades de mañana

- Salida del hotel a las 9:00 h. en autobús.
- Visita al Parque do Tejo y Pabellones Expo (Lisboa).

#### Actividades de tarde

- Visita a Museu do Traje - Parque Botânico do Monteiro-Mor (Lisboa).
- Visita al Palácio do Marquês de Fronteira (Lisboa).
- Visita a los Jardines Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

Alojamiento en “Evidencia Astoria Creative Hotel” (Lisboa).

### Domingo 29 de abril de 2012

#### Actividades de mañana

- Salida del hotel a las 9:00 h. en autobús, con destino Sintra.
- Visita al Palácio Nacional de Queluz (Lisboa).
- Visita al Palácio Nacional da Pena (Sintra)

#### Actividades de tarde

- Visita a Quinta da Regaleira (Sintra).

- Tiempo libre por el centro histórico de Sintra.
- Salida a las 18:30 h. en autobús, con destino Coimbra. Duración aproximada 2,5 h.

Alojamiento en "Hotel Astoria Coimbra". [http://www.tripadvisor.es/Hotel\\_Review-g189143-d206907-Reviews-Hotel\\_Astoria-Coimbra\\_Beiras.html](http://www.tripadvisor.es/Hotel_Review-g189143-d206907-Reviews-Hotel_Astoria-Coimbra_Beiras.html)

#### Lunes 30 de abril de 2012

##### Actividades de mañana

- Salida del hotel a las 9:00 h. a pie.
- Vistia al Parque Doutor Manuel Braga (Coimbra).
- Visita al Parque Verde da Mondego (Coimbra).
- Visita al Jardín Botánico de Coimbra.

##### Actividades de tarde

- Salida a las 16:00 h. en autobús, con destino Porto. Duración aproximada 1,5 h.
- Visita al paseo marítimo de Matosinhos.
- Visita a Piscina das mares (Matosinhos).
- Visita a Casa de Chá (Matosinhos). Opción de cenar en el lugar (cena de grupo previa consulta).

Alojamiento en "Grande Hotel do Porto". [http://www.tripadvisor.es/Hotel\\_Review-g189180-d240866-Reviews-Grande\\_Hotel\\_Do\\_Porto-Porto\\_Northern\\_Portugal.html](http://www.tripadvisor.es/Hotel_Review-g189180-d240866-Reviews-Grande_Hotel_Do_Porto-Porto_Northern_Portugal.html)

#### Martes 1 de mayo de 2012

##### Actividades de mañana

- Salida del hotel a las 9:00 h. a pie.
- Visita al Paseo y Jardín das Virtudes (Porto).
- Visita al Parque Cordoaria (Porto).
- Vistia a los jardines de la Casa Serralves (Porto).

- Salida en autobús a las 12:00 h. (hora portuguesa).
- Viaje hasta Madrid, duración aproximada 7,30 h. Llegada 20:30 h. (hora española).

#### Información adicional

Las comidas y las cenas no se incluyen en el precio del viaje, así como la entrada a los diferentes lugares de vista.

Los viajeros dispondrán de un dossier con la información sobre las ciudades y lugares a visitar.

El viaje lo acompañará un guía de la AEP que coordinará el grupo y ofrecerá explicaciones de los lugares de visita.

## CONJUNTO DE LA EXPO 98 -PARQUE DO TEJO Y PARQUE DAS NAÇÕES-

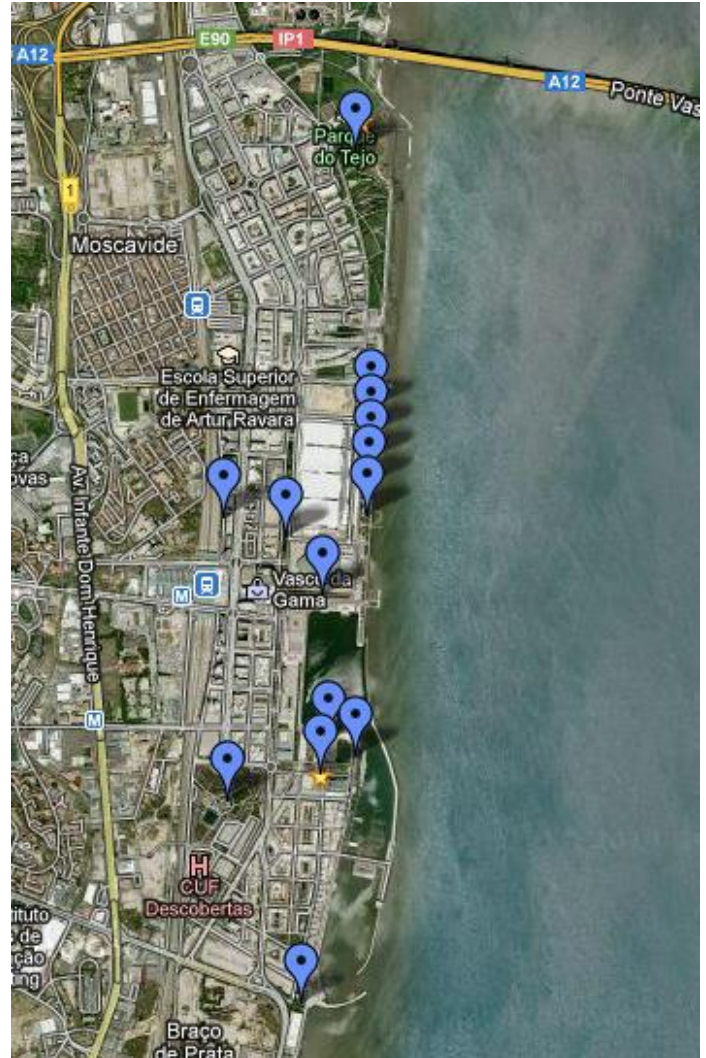
### CONJUNTO DE LA EXPO 98

#### INTRODUCTION

EXPO'98 opened in Lisbon on May 22nd and ran until September 30th, 1998. The idea for the holding an international exposition in Lisbon was originally debated by the National Committee for the Commemoration of the Portuguese Discoveries. It was a specialized exposition, with a specific theme, "The Oceans: A Heritage for the Future." It was meant to highlight the historic importance of the Portuguese discoveries - including the first sea passage by Vasco da Gama and the discovery of Brazil.

#### THE SITE

The Expo covered 340 hectares, including 5 km of riverfront property on the Tejo River. The development's first phase laid the foundations for public space to host the EXPO. It was to be a self-contained urban center, with residences, stores, transportational infrastructure, parking facilities and parks. Several gardens were designed within the Expo site to link to the world's discoveries. The concept called for re-establishing the link between the city and the river. The development was to be woven into the city's fabric and contribute to defining the city as a whole, while regenerating a disturbed environment and becoming a new attraction in its own right within the greater Lisbon area.





## THE GOALS

EXPO'98 was a chance to improve the environment and generate urban renewal. It was an opportunity to modernize Lisbon. Municipalities worked together to ensure accessibility and transport, when planning shopping centers, services and infrastructure, and for urban planning and in sponsoring events.

The needs of the people were identified through extensive studies of both potential commercial and residential occupants of the Parque das Nações. The strategy adopted called for building high-quality urban spaces, integrating the city in all its diversity, for well-balanced living. This means that today, "residents enjoy services like shops and restaurants, schools, leisure & sporting facilities, a hospital and similar services." Buildings are built both above and below ground, providing a clean corporate street image, while solving parking problems.

## SITE CONNECTION AND VASCO DA GAMA BRIDGE

The main objectives of the whole EXPO'98 were to construct new public spaces and a system of designed open areas as well as "making a new metropolitan center to redirect expansion of the city towards the east but above all to reestablish the relationship between the city and the river Tejo." The project aimed to restore a degraded industrial landscape by purifying the water and adding a series of infrastructures for recycling liquid and solid waste, as well as a new programming of activities and recreation for park goers.



The Vasco da Gama Bridge is a cable-stayed bridge that spans the Tejo River. It is the longest bridge in Europe, with a total length of 17,200m (56,381 ft). The bridge was named after the famous Portuguese explorer.

- It has been designed to hold up to an earthquake 4.5 times stronger than the historical 1755 earthquake (which was estimated at 8.7 on the Richter Scale).
- It is able to withstand wind speeds of 250 km/h.
- Deepest foundation piles 2.2 m and 1.7 m diameter have been driven down to 85 m under mean sea level.

- The design life expectancy is 120 years.
- Due to the bridge's length it was necessary to take the earth's curvature into account to site the piers correctly (otherwise a mistake of 80 cm would have appeared at the bridge's end).

Work began in 1995 and the bridge was opened to traffic in 1998, after only 18 months of construction and just before the Expo, 500 years after Vasco da Gama's discovery of the sea route to India. It was inaugurated just in time to carry visitors from southern Portugal, Spain, and other parts of Europe to Expo98.

## PARQUE DO TEJO





## DATOS DE INTERÉS:

Data: 1994/2008

Localização: Lisboa/Loures, Portugal

Área: 900.000 m<sup>2</sup>

Cliente: Parque Expo'98 S.A.

Concurso Concepção/Construção (com Hargreaves Associates) 1º Prémio

Coordenadores de projecto: João Ferreira Nunes, Carlos Ribas.

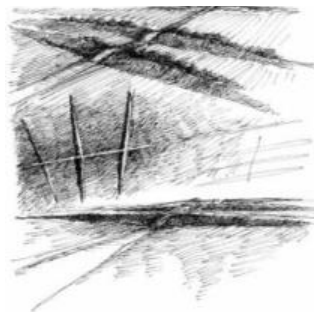
Colaboradores de projecto: Cristina Vasconcelos, Elsa Calhau, Margarida Quelhas, Nuno Mota, Sandra Ferreira, Vera Ramos, Ana Lúcia Mateus, Maria Zás, Nuno Jacinto, Paula Antunes, Iñaki Zoilo, António Magalhães de Carvalho

Consultores: Hargreaves Associates: George Hargreaves, Glenn Allen, Mary Margareth / Lacerda Moreira / Silvino Maio / Hidrotécnica Portuguesa / Ana Barroco e Esteves Correia / Vitor Jesus / GR Grade Ribeiro / José Charters Monteiro / Aires Mateus e Associados / Alberto Souza Oliveira

Fotografia: João Nunes / Leonardo Finotti

O Parque do Tejo e do Trancão cobre aproximadamente uma área de 90ha de frente ribeirinha da margem direita do Rio Tejo, desde a Torre Vasco da Gama, situada no limite a sul do parque, até ao Rio Trancão, que limita a norte, cercando a área de intervenção da EXPO'98. A pré-existência definia uma desqualificação territorial e ambiental excepcionais, convergindo no sítio um conjunto de actividades profundamente marcantes e tristemente características de uma situação geográfica, de fronteira intermunicipal, caracterizada por unidades industriais desactivadas.

A proposta procurou estabelecer uma organização do espaço de grande diversidade cénica, visual e sensitiva, suportada por uma estrutura que traduz unidade formal onde as formas de modelação de terreno constituem o elemento estruturante fundamental, determinando consequências ecológicas, cénicas e vivênciais que estabelecem o fundamento da paisagem que se pretende



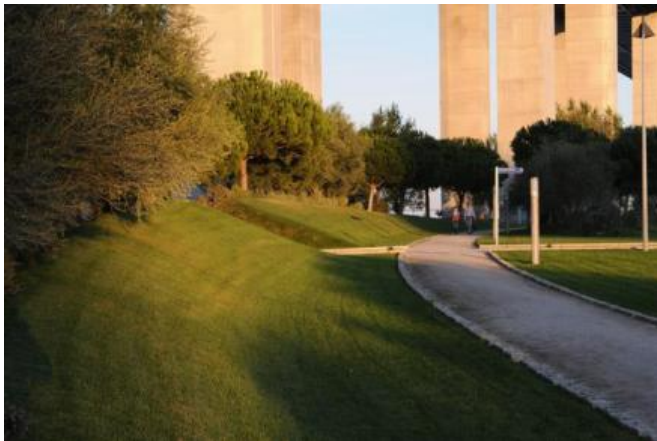


criar uma paisagem tridimensional, diversificada e ritmada.

Estas formas de modelação de terreno definem, pela sua disposição relativa e orientação, não apenas uma marcação formal mas, sobretudo, um ritmo ecológico que se repete ao longo do território do Parque, essencialmente pela oposição entre taludes suaves expostos a sul e taludes mais abruptos voltados a norte.

O zonamento de plantações e revestimento vegetal acentua o contraste entre taludes fazendo coincidir tipologias e elencos florísticos específicos a situações ecológicas correspondentes, antecipando, em termos de imagem, o resultado que o tempo e a natureza se encarregariam de estabelecer.

Dado que se pretende um Parque intensamente vivido, os sistemas a introduzir são necessariamente artificiais de forma a poderem apresentar uma capacidade de carga ecológica adequada. O sistema de caminhos constitui uma rede hierarquizada que define, ele próprio, uma estrutura autónoma, funcional, subsidiária da estruturação tridimensional de base com a qual se articula de forma indissociável. Para além do sentido ecológico, funcional e imagético da estrutura proposta, a solução serve paralelamente uma intenção essencial ao conceito desenvolvido para o Parque: a potenciação do sistema cénico, suportada projectualmente em duas acções fundamentais: a criação de corredores visuais, consumados como os negativos do conjunto estruturante, e a criação de formas de modelação e faixas arborizadas, que se vão abrindo no sentido da aproximação pedonal ao Rio.



## PARQUE DE LAS NACIONES

### DATOS DE INTERÉS:

info@parquedasnacoes.pt

Telephone Information Line - 351 21 891 93 33

Winter - 10 a.m. to 6 p.m.

Summer - 10 a.m. to 8 p.m. Daily

Address: Parque Expo 98 , S.A.

Av. D. João II, Lote 1.07.2.1

1998-014 Lisboa Portugal

Tel.: +351 21 891 98 98

Fax: +351 21 891 90 03

Sobre el Parque das Nações [Parque de las Naciones] se encuentran numerosos edificios que se mantuvieron tras el desmantelamiento de la Expo como el Oceanario, el segundo mayor acuario de Europa, la Torre Vasco de Gama, un mirador que ofrece magníficas vistas sobre la ciudad o el Pabellón de Portugal, obra del arquitecto portugués Álvaro Siza.



Sobre esta gran explanada peatonal se disponen acompañando al recorrido diversos jardines con diferentes temáticas, que se adjudicaron por concurso público a los distintos estudios de paisajismo de nivel internacional. Estos jardines son:

### Jardins Garcia d'Orta

#### ▪ Talhão de Africa: Moçambique e Angola

Autores: Gomes da Silva/Instituto Superior de Agronomia – Global

Passe por entre a vegetação da floresta clara das dunas litorais da ilha de Inhaca e a savana alta das zonas interiores de Moçambique, entre grandes árvores dispersas. O deserto de Moçâmedes, em Angola, está também representado neste jardim, através da vegetação da estepe desértica e dos pavimentos de areia de cor quente e seca.



Para representar o deserto os projectistas implantaram uma plataforma levantada em degraus, que marca fortemente a entrada norte dos jardins. Dominam as cores quentes dos materiais de pedra que cobrem a plataforma, em analogia com o fenómeno geológico da baía dos Tigres (também no deserto de Moçâmedes), e a base do talhão constitui-se com vegetação rasteira de granídeas. Cada planta, na maioria catáceas, ganha uma importância exclusiva, quase escultórica, o que se ajusta à reduzida quantidade de espécies desta região.

Neste talhão escasseiam as árvores, que só aparecem nas zonas finais - representando, de um lado o embondeiro, do outro a floresta clara da ilha de Inhaca e a savana arborizada do Sul de África. O número de espécies foi reduzido ao máximo, procurando não dificultar a leitura do espaço, onde deveriam prevalecer o material inerte e uma certa simplicidade. Dominam as acácias e outras árvores, como a *Garcinia living-stonei*, e as granídeas altas.

### ▪ Talhão da Macaronésia

Autor: Gomes da Silva/Instituto Superior de Agronomia – Global

Na flora dos Açores e Madeira sobressaem os chazeiros oriundos da plantação de Gorreana e outras culturas como a cana-de-açúcar e o tabaco, bem como a laurissilva - formação vegetal que cobria extensas áreas dos arquipélagos. Da ilha de Santiago em Cabo Verde destacam-se o dragoeiro, a Phoenix atlantica, uma palmeira endémica desta região, o indigo e o aloé vera.



Para Cabo Verde escolheu-se representar a paisagem "cultivada", feita de retalhos de culturas importantes daquela ilha. Ao contrário dos outros talhões, onde à partida se procurou ilustrar a flora local, aqui conta-se a história das espécies introduzidas, reflexo da importância deste arquipélago como plataforma de aclimação.

Ali se encontram o feijão-pedra, a cana-de-açúcar, o aloé, a purgueira e o indigo, que já não é cultivado mas que chegou a ter grande importância económica. Outras, talvez de menor importância mas com um papel dominante na paisagem, como a lantana, o tortolho e a acácia americana são aqui igualmente representadas.

Como elementos de grande destaque foram escolhidos o dragoeiro (que também teve importância económica com a extração do pigmento "sangue-de-drago" e, por isso, é hoje uma espécie rara e protegida) e uma palmeira endémica desta região: a Phoenix atlantica.

Nas herbáceas incluiu-se o feijão e tentou-se representar as encostas rochosas das ilhas vulcânicas, com plantas a pender para o barranco. Parte delas são endémicas, originárias da ilha do fogo.

Ao passar o barranco seco entramos na área do Faial e da Madeira, onde se impõem os muros negros basálticos, atrás dos quais cresce o chá (*Camellia sinensis*), a cana-de-açúcar e o tabaco. Da laurissilva do Faial estão representadas algumas espécies como o *Laurus azorica*, o pau-branco, o barbusano e o til.

A poente o espaço é limitado por uma sebe viva de *Banksia integrifolia* L. , originária da Austrália e introduzida nos Açores há mais de um século para agir contra os ventos e abrigar os laranjais. Uma latada de vinha e jasmim remata a saída do talhão.

#### ▪ Talhão de S. Tomé e Brasil

Autor: Gomes da Silva/Instituto Superior de Agronomia – Global

Palmeiras de 9 metros passam acima do ripado da estrutura, e nos troncos cobertos de picos ferozes das *Chorisia* encontram-se as orquídeas. O chão está coberto de bromeliáceas e completado com as plantas oriundas de S.Paulo: o geonoma, o ingá, o palmeiro, só interrompidas por plataformas de betão.



A meia altura das colunas, foram também colocadas as orquídeas vindas do Jardim Botânico do Porto, por cima das quais descem nuvens de água que aumentam o ambiente de tropicalidade.

Ao sair da ponte que atravessa a cascata, a *Ravenala* dá as boas-vindas a S. Tomé e à vegetação de formas desconhecidas. Aqui a vegetação recria o ambiente húmido e denso da ilha, misturando-se as plantas autóctones com as introduzidas, nomeadamente, a bananeira (*Musa paradisiaca*) a *Colocasiae* uma abóbora (*Lagenaria*) que reveste o solo de folhas largas.

Os núcleos de árvores têm um sub-bosque de arbustos e herbáceas de grande porte como o *Abutilon venosum*, o *Costus giganteus* e a *Cyathea spp.* Dominam os fetos e begónias e recriou-se um prado palustre, sempre húmido e ponteadado de arbustos com cerca de 2 metros: como a *Schefflera mannii*.



## ▪ Talhão de Goa

Autor: Gomes da Silva/Instituto Superior de Agronomia - Global

Um tanque em mármore recebe água a partir de um canal que atravessa este jardim, bem como um pavilhão em madeira de onde poderá apreciar a vegetação - destacando-se as laranjeiras trazidas da China pelos portugueses, bem como as palmeiras, que lhe dão um ar tropical.

A ilha de Goa - representativa da região Indo-Malásia - está presente através da densa vegetação de palmares e uma enorme variedade de arbustos e árvores tropicais.



Neste jardim, as plantas mais pequenas aludem à medicina, como o durião (*Durio zibethirus*), o camomim (*Murraya exotica*) e as laranjeiras, ou ao uso milenar hindu de árvores como a *Areca catechu* e a *Michelia champaca*. Os arbustos e as palmeiras relembram ambientes tropicais, como a *Caryota urens*, a mangueira (árvore da manga) e o hibisco, ou o simbolismo religioso associado às plantas, como o *Ficus religiosa* e a *Nyctantes arbor-tristis*.

As grandes árvores frondosas completam, com a sua sombra, o bem-estar e a calma que se vive nos jardins da Índia. São a *Melia azydarach*, a *Erythrina variegata* (syn.indica), o *Ficus benghalensis*(sync.indica) e as suas galáxias de flores vibrantes, de cor e aroma.

### Talhão de Coloane

Autor: Gomes da Silva/Instituto Superior de Agronomia - Global

As *Cycas revoluta* e os bambús de tronco negro anunciam o talhão da China, representado por Coloane, a ilha mais a sul do território de Macau, situada no delta do rio das Pérolas.

A vegetação diversificada indica um clima sub-tropical, de floresta temperada e quente, onde dominam os arbustos de cores vivas. Neste talhão, a madeira domina em biombos e pavimentos - o percurso faz-se sobre plataformas em madeira, que formam uma ponte sobre um lago onde existe uma plantação de arroz.



O jardim revela-se ao olhar por ângulos cortados: árvores de floração extravagante, como a *Albizia*, na primeira curva do percurso, depois as magnólias em flor. As camélias e as *Bauhinia* vão-se descobrindo. Surpreendem-nos formas invulgares como a orelha-de-elefante (*Macaranga tanarius*), as flores roxas da planta que simboliza Macau (*Melastoma sanguineum*), o alfinheiro-da-china (*Ligustrum sinense*) e a floração em estrela da *Albizia lebeck*.

A *Broussonetia papyrifera*, pequena árvore das margens dos rios, ladeia agora este passeio ribeirinho, junto às *Ginkgo biloba*, árvores do tempo dos dinossáurios que se destacam pelos seus 8 metros de altura. De destacar ainda a árvore do pagode - *Ficus virens* - e o arroz que sai da água em fios verdes e dá cereal em Setembro.



## Alameda Dos Oceanos

Autor: João Gomes da Silva - Risco/Global

É uma grande Alameda de mais de 2km com um sistema de jogos de água (vulcões) e um conjunto apreciável de arte publica - reforçando a componente temática de que os Oceanos foram um meio de múltiplas trocas botânicas operadas pelos portugueses ao longo de séculos. É um espaço de repouso, passeio e contemplação, onde a sombra e a frescura predominam e convidam a permanecer.



É constituída por uma plataforma central e passeios laterais separados por eixos de circulação viária. Têm três troços distintos, sendo a sua unidade garantida pela uniformidade das alamedas laterais - com alinhamentos de azinheiras - pela grelha dos pavimentos da calçada e pela predominância de espécies arbóreas do género Quercus (Carvalhos).

- o troço sul, o mais curto, estende-se da Torre Galp à rotunda do Cabeço das Rolas, não tem plataforma central e os passeios laterais foram plantados com azinheiras e tílias;
- o troço da Estação do Oriente, o segundo, é mais largo e constituído por dois passeios laterais arborizados com azinheiras. Na plataforma central foram plantados alinhamentos de quercus palustris, pontuados com o exotismo das erytrinas. A extremidade norte localiza-se frente ao Pavilhão de Portugal e distingue-se pelos canteiros sobrelevados onde predominam ciprestes, rematando com um sobreiro de grande porte;
- o troço norte é formado por uma sequência de espaços virados sobre as fontes, ao longo da plataforma central, diversificados por maciços de floração, junto às fontes e palmeiras. O exotismo das eritrinas, de folhagem e floração colorida, acentuam as alterações de imagem ao longo do ano, pelo contraste com as árvores envolventes - os Quercus cerris, Quercus frainetto e Quercus petrae - bem como a perspectiva sobre as fontes, bem marcadas pelo Arecastrum. A placa central é elevada através de canteiros de arbustos, ligeiramente inclinados e contidos por sebes que conferem a este troço um carácter mais ajardinado. No seu final, a composição arbórea é rematada por quatro alinhamentos de Quercus robur, junto à Porta Norte do recinto.



### **Jardins suspensos**

Autor: José Veludo

Desconhecidos para muitos, estes jardins, sob o comprido, são uma agradável separação, florida e muito aromática, entre o Parque das Nações e a linha férrea.

Vale a pena percorrer estes caminhos únicos de uma ponta até à outra. Existe um no lado direito e outro no lado esquerdo da Estação.



### **Rossio dos Olivais**

Autor: João Gomes da Silva - Risco/Global

Este é o centro do Parque das Nações, com uma notável cortina de choupos e um fantástico espelho de água que nos guia do ambiente urbano até ao Rio.



### **Esplanada D. Carlos I**

Autor: João Gomes da Silva - Risco/Global

Este é um ponto de encontro, um local para se estar, enquanto se aprecia a magnífica e variada flora aqui presente, uma surpresa a cada olhar.



### Passeio Ribeirinho

Autor: João Gomes da Silva - Risco/Global

O “Caminho da Costa”, assim como foi denominado este espaço de margem durante a Exposição Mundial de Lisboa de 1998, percorre a frente rio possibilitando um permanente contacto visual com o elemento água. Totalmente pedonal e arborizado com pinheiros mansos nacionais, proporciona uma sombra convidativa ao descanso, leitura e outras actividades lúdicas.



### Jardins d'Água

Autor: João Gomes da Silva/Fernanda Fragateiro - Risco/Global

Estes jardins têm uma identidade comum proveniente do seu traçado conjunto e das obras da artista plástica Fernanda Fragateiro e ilustram a multiplicidade de actividades ligadas à água que, desde a antiguidade até aos nossos dias, o Homem criou, desenvolveu e aperfeiçoou, um pouco por todo o Mundo.



Acompanhe ao vivo um curso de água, da nascente ao estuário - percorrendo os meandros de uma bacia hidrográfica que inclui um lago artificial e conheça de perto as mais diversas actividades, desportos, máquinas e engenhos relevantes no meio aquático.

## Cabeço das Rolas

Autor: Gonçalo Ribeiro Telles

Este jardim é a maior elevação do Parque das Nações, com várias plataformas relvadas e uma vista abrangente, chegando a atingir os 33 metros acima do nível do Tejo. Terá sido, em tempos, um ponto de passagem de rolas no seu trajecto migratório, de sul para norte, daí o seu nome. Dada a elevação do terreno, o projecto contempla uma paisagem em socalcos que tira partido do local de implantação do jardim.



Concebido como um espaço público urbano para ser usufruído pelas pessoas, é marcado por áreas verdes e planos de água que incluem:

- um lago de 2.500m<sup>2</sup> com varias espécies vegetais aquáticas – trata-se de um aproveitamento do antigo tanque de incêndios da refinaria.
- um jardim de água com fontes e repuxos, que corresponde à recuperação de dois tanques de menor dimensão existentes no local;
- árvores de varias espécies – laranjeiras, ciprestes, zambujeiros, oliveiras, castanheiros – mata e outros espaços verdes, de que pode ser exemplo um labirinto de arbusto;
- diversas estruturas de ensombramento, em formula de pérgolas, com cobertura vegetal, destinadas a criar zonas de estar;
- os pavimentos são de materiais como saibro, cerâmica ou calcário e granito nas zonas de calçada à portuguesa.

## Jardim Sul

Autor: Gonçalo Ribeiro Telles

Localizado no extremo sul do Parque das Nações este jardim, escondido por detrás de um singular edifício, revela-nos um pequeno tesouro de calma e bem-estar que não nos podemos dar ao luxo de perder nos dias de hoje.





## MUSEU DO TRAJE – PARQUE BOTANICO MONTEIRO-MOR

### INTRODUCCIÓN

Este vasto e rico complexo permaneceu até aos nossos dias na posse da família Palmela, que vendeu, ao Estado Português, em Fevereiro de 1976, o palácio, as casas, o jardim e a quinta. Aqui se planeou instalar o Museu Nacional do Traje que viria a ser criado em Dezembro do mesmo ano. À venda já há alguns anos, a quinta, e em especial os jardins, careciam de um trabalho de profunda recuperação, para que se reconvertesse num parque aberto ao público, a que se veio a chamar Parque do Monteiro-Mor. Foi nesse ano de 1976 que se iniciou esta intervenção, sob a orientação do engenheiro silvicultor Luis Filipe de Sousa Lara e com o apoio de um grupo de trabalhadores regressados das ex-colónias portuguesas, chefiados pelo senhor Manuel Abrantes, antigo caseiro da quinta Palmela.

Os primeiros trabalhos foram de limpeza, de toda a área do jardim, de ervas, silvas e outras trepadeiras que se emaranhavam em redor dos troncos de árvores e arbustos. Foram aparecendo os contornos de canteiros, lagos, bancos, caleiras e outras construções e gradualmente foram delimitados os caminhos no seu traçado primitivo, dando continuidade à divisão oitocentista dos canteiros no jardim, através da utilização de pedra natural que existia em quantidade na área da quinta.

O jardim formal em frente ao Palácio do Monteiro-Mor foi criado no século XVIII como jardim barroco (“à francesa”), com canteiros de formas geométricas e simétricas com buxo e roseiras e um lago.

Toda esta área mereceu também especial atenção na ocasião da sua recuperação em 1977. O arquitecto paisagista Edgar Fontes, grande conhecedor de roseiras em Portugal e membro de júri em concursos internacionais desta apreciada espécie dos jardins, foi quem projectou e acompanhou a instalação do novo Roseiral, recriando as formas e as cores ao gosto



setecentista. Foi recuperada uma pequena estufa e um estufim junto à entrada e adaptado para pavilhão com aves uma outra estufa fria, de maiores dimensões.

O Museu Nacional do Traje e o Parque Botânico do Monteiro-Mor abrem ao público em Julho de 1977. Após esta primeira fase, avançou depois a recuperação da restante área do Parque, que totaliza aproximadamente 11 hectares. O projecto encomendado ao arquitecto paisagista Edgar Fontes previa a criação de uma rede de caminhos, a construção de 4 albufeiras e 4 pontes para a travessia do ribeiro e o enriquecimento do Parque com inúmeras espécies arbóreo-arbustivas. Todas estas acções estenderam-se até 1987, incluindo a preciosa introdução de um sistema de rega automatizado em 1982 na zona do jardim, roseiral e viveiros. Hoje constitui um dos pilares fundamentais para uma eficiente e eficaz manutenção deste parque público.

Tendo em conta as dificuldades financeiras da época, o plano de plantação previsto foi sendo alterado e condicionado ao que era possível obter mais facilmente nos viveiros da Câmara e dos serviços florestais. Entre 1983 e 1987, algumas centenas de plantas foram instaladas neste Parque, onde no passado funcionava a zona agrícola da quinta. A plantação de pequenos bosquetes com sobreiros, pinheiros, plátanos, choupos, castanheiros da Índia, cedros, medronheiros, Spiraeas, Escallonias, Piracantas e outras espécies permitiu a cobertura vegetal daqueles terrenos, com o mínimo de custos. Simultaneamente, as terras foram regularizadas, a erva foi crescendo e iniciou-se o seu corte regular para permitir a sua fruição como prado de sequeiro (verde no Outono/Inverno/Primavera e seco no Verão).





## HISTÓRIA

Desde princípios do século XVIII está consagrada na toponímia local a Quinta do Monteiro-Mor. Isto porque aqui tinha residência o Monteiro-Mor do Reino. No seu palácio, funciona hoje o Museu Nacional do Teatro.

Confinante com esta casa, existia no século XVIII o palácio Angeja, onde hoje se encontra instalado o Museu Nacional do Traje. D. Pedro José de Noronha de Albuquerque Moniz e Sousa, 3º Marquês de Angeja (1716-1788). Grande estadista e colecionador, ilustre naturalista do seu tempo, juntou uma magnífica colecção de gosto enciclopedista, com espécies animais embalsamadas, um herbário, variados minerais, fósseis, peças etnográficas do Brasil, e inúmeras obras de arte". Neste palácio no Lumiar, a sua casa de campo, o marquês projecta realizar um museu para albergar as suas ricas colecções, tendo como complemento natural, um jardim botânico. Para tal, convida o médico e botânico italiano Domenico Vandelli (1730-1816), que trabalhara na criação do primeiro jardim botânico português, o da Ajuda, em 1768, e mais tarde no de Coimbra, em 1777.

O jardim é delineado em socalcos, por várias razões: porque o terreno assim o obrigava (tratar-se-ia de um talude de declive acentuado), porque a tecnologia de rega da época o impunha e porque a construção de um jardim botânico deveria seguir regras de disposição das diferentes espécies em patamares taxonómicos. Todas estas condicionantes e a inspiração de cultura do seu autor, trouxeram para este Parque alguns elementos do jardim italiano como a estruturação do jardim em diversos níveis e a presença constante da água. No entanto, aparecem também alguns traços do jardim genuinamente barroco, como as escadarias, as formas geométricas das sebes de buxo e dos lagos e o espaço para estatuária nos muros do "patamar do repuxo".



Desse época ficou sobretudo a estruturação do jardim em patamares, os muros, as escadas e muitos outros elementos formais, incluindo um curioso lancil em pedra trabalhada, que ainda hoje se encontra no jardim. Não se sabe bem se naquela fase houve tempo para plantar o jardim com diferentes espécies, nem tão pouco são conhecidos os planos de plantação. O

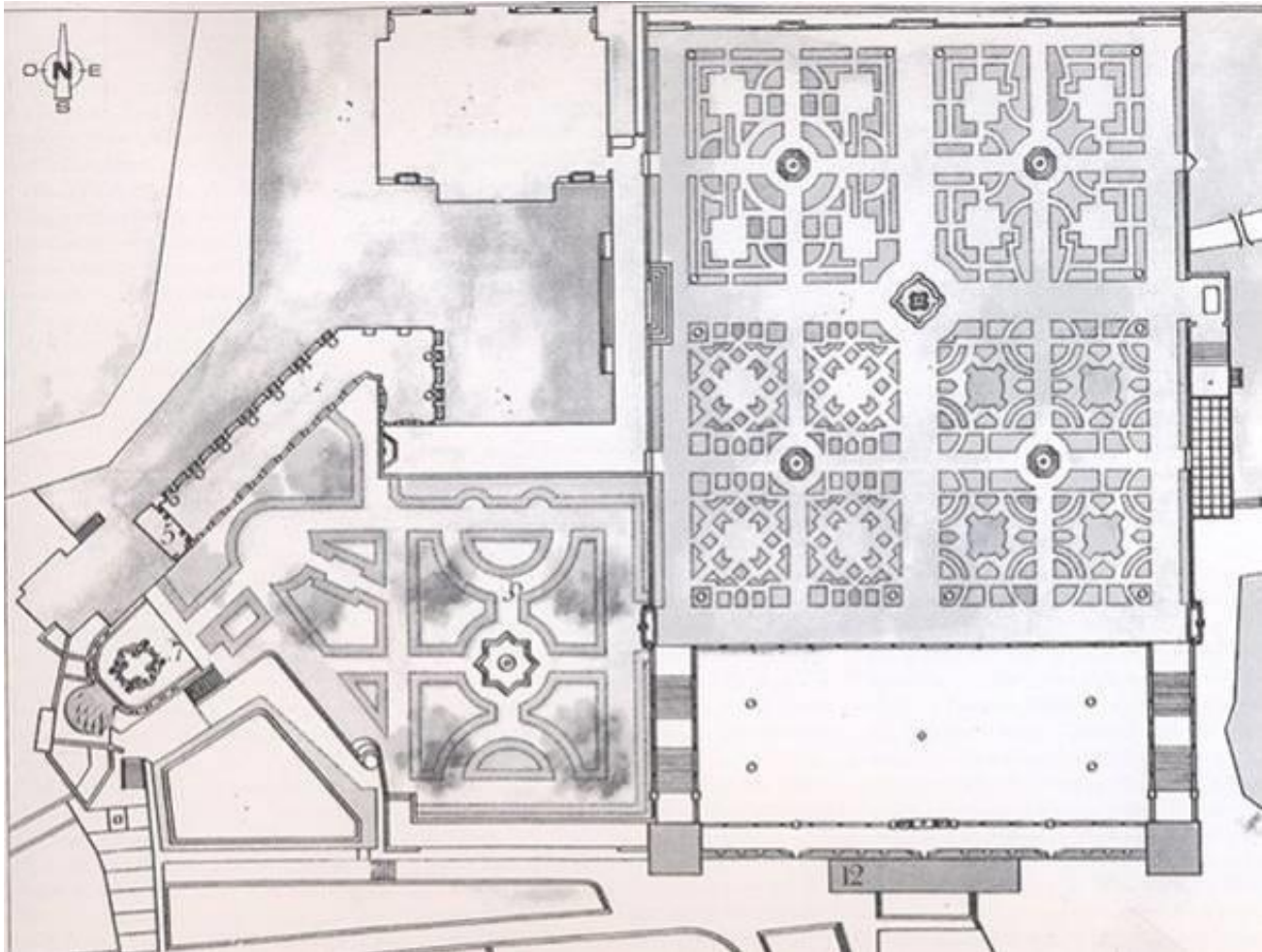


marquês adoeceu em 1783 e viria a falecer em 1788. Provavelmente não terá havido tempo para concluir o seu projecto e certamente o seu sucessor não acompanhou o mesmo sonho. Não existe por isso nenhuma espécie no jardim que tenha sido introduzida no final do século XVIII, excepto o Pinheiro manso que se encontra na zona da mata, que é um dos maiores de Lisboa.

No século XIX, por volta de 1840, o 1º Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), adquire o palácio e toda a propriedade à viúva do 6º marquês de Angeja. A beneficiação e manutenção dos jardins é confiada a categorizados técnicos estrangeiros. Sendo um ilustre diplomata que muito viajava pela Europa, conhecia bem a arte dos jardins e por ela se entusiasmou, propondo recriar na sua nova casa um magnífico jardim. Começou por contratar o horticultor belga Rosenfelder, que tinha trabalhado no Jardin des Plantes de Paris. Seguiu-se o médico e botânico austríaco Friedrich Welwitsch, de 1844, após a morte de Rosenfelder, até 1853. Com o conselho deste ilustre vienense, já nomeado pelo Duque de Palmela em 1840 (era primeiro-ministro do governo português) para dirigir o Jardim Botânico da Ajuda, D. Pedro encomenda um conjunto de novas espécies exóticas, vindas especialmente de Inglaterra. São dessa época a *Araucaria heterophylla* (primeiro exemplar da espécie, originária das ilhas Norfolk, a leste da Austrália, plantado ao ar livre na Europa) e os dois *Platanus x acerifolia* existentes no centro do jardim, plantados em 1842. Jacob Weiss, outro jardineiro da escola do Jardin des Plantes de Paris, encarregou-se deste jardim durante mais de 30 anos, tendo introduzido uma valiosa colecção de begónias e palmeiras em 1856, que infelizmente já não existe nos dias de hoje. Este horticultor é também conhecido por ter ensaiado com sucesso o cruzamento de *Begoneas* com *Caladiums*.

O gosto romântico da época chegou também ao jardim, retirando-se a estatuária de pedra, naturalizando-se os contornos dos canteiros com pedra tosca, tornando-se sinuosos os percursos e ocultando os muros com exuberantes trepadeiras. Na transição para o século XX, é responsável pelos jardins o português José Baptista Possidónio, orgulhoso de ter sido discípulo de Weiss. Dirigiu o parque com uma “dedicação fraternal” a partir de 1887.

QUINTA DOS MARQUESSES DA FRONTEIRA



JARDIM

O Jardim Formal, cuja dimensão é aproximadamente de 67m. no sentido Norte-Sul e de 58m. no sentido Este-Oeste é limitado a Poente, Norte e Nascente, por 3 muretes com azulejos; os muretes Norte e Nascente têm floreiras na sua parte superior, e o murete Poente, um pouco mais alto que os anteriores, é sobrepujado por uma balaustrada que separa o terraço, adjacente à fachada Nascente da casa, do Jardim Formal, excepto ao centro, onde se desenvolve uma escadaria que liga estes dois espaços; a Sul, é limitado pelo conjunto formado pelo Tanque dos Cavaleiros e Galeria dos Reis. Os painéis de azulejos policromos do murete Poente, paralelo à fachada Nascente da casa, representam os Quatro Elementos, os Deuses/Planetas, conhecidos na época, e duas Constelações. Os painéis de azulejos a azul, branco e manganés do murete Norte representam os Signos do Zodíaco e os do murete Nascente, análogos aos anteriores, representam os Meses do Ano.



No espaço definido por estes limites encontramos quatro grandes conjuntos de canteiros de buxo que formam, dentro de cada um dos quais se inscrevem quatro outros conjuntos que desenham quartos de cada grande conjunto. Ladeando todo este conjunto, encontra-se um caminho que forma um rectângulo que rodeia todo o núcleo vegetal do jardim; além disso há dois caminhos da mesma dimensão do anterior, perpendiculares um ao outro que se encontram junto da Fonte Central que contornam. Este esquema repete-se em cada um dos quartos que são divididos em quatro partes por caminhos perpendiculares que também eles se encontram junto duma fonte. Há, portanto um total de dezasseis conjuntos de canteiros e cinco fontes. Nos cantos do jardim e de cada lado de cada uma das quatro entradas dos caminhos principais há pedestais de pedra sobre os quais se erguem no total, doze estátuas em chumbo.

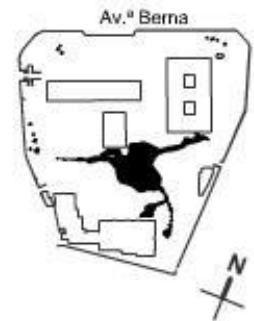


O, assim chamado, Jardim de Cima ou Jardim de Vénus está dividido por um murete com floreiras, do prolongamento do século XVIII da Galeria dos Reis, que se situa a Sul do Jardim e está num nível ligeiramente superior àquele (3 degraus). Nos lados Poente e Sul, o Jardim de Cima é limitado pelo muro do Ninfeu, que hoje contém a piscina, formando um muro contínuo que descreve uma curva quando muda de direcção; nos lados Nascente e Norte, o Jardim de Vénus é separado, respectivamente do Jardim Formal e do Terraço da Carranquinha, por um pequeníssimo murete, de uns 40cm. de altura, revestido no topo com lajes de pedra lioz; no lado Noroeste, é limitado por um muro alto que acompanha o Terraço. Este jardim tem uma forma irregular, constituída por um rectângulo, do qual parte um prolongamento em direcção a Sudoeste, que é rematado pelo Tanque dos Ss e Casa do Fresco. No interior do jardim, há canteiros de buxo e várias árvores, cuja plantação, na sua maioria remonta a finais do século XIX. Trata-se pois de um jardim ensombrado e mais resguardado que contrasta com o aspecto aberto e ensolarado do Jardim Formal. Tudo indica que este jardim fosse predominantemente feminino, até porque o brasão que se encontra na fachada da Casa do Fresco é o de D. Madalena de Castro, I Marquesa de Fronteira.



A Horta do Palácio Fronteira está neste momento em recuperação; alguns talhões são cultivados por funcionários da casa; a parte anexa ao Pombal, na zona de transição para a mata, foi plantada em 2002 com *Prunus Cerisifera* Pisardi, *Ruscus SP* e *Vinca Difformis*. Na zona ao longo do muro foi plantada, em 2007, uma cortina de árvores, formada por uma mistura entre árvores de folha perene e caduca, e árvores de crescimento rápido e lento (choupos, freixos, tílias, eritrinas, oliveiras, ciprestes, etc.), afim de proteger as vistas do jardim para o exterior e está planeada a plantação de um pomar de citrinos, que os documentos atestam ter existido no século XVII.

FUNDACIÓN CALOUSTE GULBENKIAN



La Fundación Calouste Gulbenkian (en portugués *Fundação Calouste Gulbenkian*) es una reconocida fundación ubicada a uno de los lados del Parque Eduardo VII y constituye un importante Centro Cultural Internacional y tiene por finalidad promover la educación, el arte, la ciencia y la caridad, desde su posición de institución privada. Nació en el año 1956 y cuenta con su sede principal en la ciudad de Lisboa disponiendo de ballet, salas de espectáculos, orquesta, varias bibliotecas, el famoso Museo Calouste Gulbenkian y un Centro de Arte Moderno.



Todos los objetos y bienes que poseyera Calouste Gulbenkian -importante coleccionista- fueron donados al país a su muerte (1955) en forma de Fundación y cuenta además con delegaciones en París y en Reino Unido. Portugal adquirió la colección en una subasta internacional en épocas de la Segunda Guerra Mundial, abonando a través de incentivos fiscales y con un palacio aristocrático portugués. Gulbenkian es sinónimo de cultura portuguesa y la fundación además patrocina varios museos de otras ciudades lusas.

#### HISTORIA DEL JARDIM

Construído na década de 60, segundo projecto dos arquitectos paisagistas António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian é um dos jardins mais emblemáticos do movimento moderno em Portugal e uma referência para a arquitectura paisagista portuguesa.

Se este tipo de desenho, baseado numa geometria subtil, que nos oferece espaços e ambiências em vez de eixos, caminhos e canteiros, pode ser encontrado em outros parques







americanos e dinamarqueses da época, ou na tradição paisagista japonesa, a utilização da vegetação é, aqui, internacionalmente pioneira. A reprodução de códigos da ecologia da paisagem portuguesa, patente na escolha, consociação e localização das espécies vegetais, cria situações, “micropaisagens”, que nos são familiares, não só a nós, humanos, como à fauna silvestre que atrainha.

Esta forma de trabalhar o lugar a partir das regras da paisagem é uma característica forte da escola de arquitectura paisagista portuguesa, com raízes na escola alemã, e que atinge, neste jardim, o auge da sua expressão.

O desenho do Jardim singulariza-se, no contexto do desenho do jardim moderno, pela linguagem cultural de que a vegetação é representativa. Tem como base a paisagem vernacular portuguesa na sua dimensão ecológica e cultural, que cria no interior do jardim “micropaisagens”, reconhecidas, não só pelos humanos, como pela fauna que a povoa.

#### A PROPRIEDADE AGRÍCOLA NOS SÉCS. XIII XIX

O lugar onde hoje se localiza foi, no séc. XVIII, uma das portas da cidade. Denominada Quinta do Provedor dos Armazéns, e propriedade de Fernando Larre, era uma quinta de recreio, com edifício, jardim, pomar, horta, vinhas e campos de cereal.

A estrutura trapezoidal que hoje identificamos com o Jardim da Fundação, já era visível nos mapas do séc. XIX. Era definida pela estrada de Palhavã e pela Estrada do Rego, localizando-se no extremo da Estrada de S. Sebastião. Era ali o fim administrativo da cidade de Lisboa, constituído por um anel de quintas de recreio que marcavam a transição entre o espaço urbano e uma paisagem desenhada por hortas, pomares, olivais, planícies de cereal e florestas de carvalho.

Em 1861 palácio e quinta são adquiridos por José Maria Eugénio de Almeida, e esta aquisição vai significar uma enorme transformação deste espaço. A quinta de recreio, com o seu palácio setecentista, vai dar lugar a um enorme parque de carácter paisagista onde é construído um outro palácio de linguagem neoclássica. José Maria Eugénio convida Jacob Weiss, jardineiro Suíço formado na escola francesa do desenho de jardins, para construir o Parque de Santa Gertrudes, como então será baptizado em homenagem a sua mãe.



Numa zona central do terreno é construído um lago, elemento polarizador de todo o espaço, de onde parte uma alameda até à entrada do palácio, toda a área é densamente arborizada com vegetação autóctone e exótica. Segundo gravuras e relatos da época, o lago tem barquinhos, aves aquáticas e uma pequena ilha rochosa; junto a este, localiza-se um quiosque onde todas as semanas uma banda dá concertos. A vegetação é exuberante e sublinha esta franca e nobre relação entre o lago e o palácio.

Em 1883, a viúva de José Eugénio de Almeida, D. Maria das dores Pinto, cede o Parque de Santa Gertrudes para a instalação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa, que aqui permanecerá durante dez anos. Esta será uma nova fase na história deste espaço, em que a componente social passa a ser uma tônica muito forte do carácter do lugar, inscrevendo-se inegavelmente na vivência da cidade de Lisboa e do país, até hoje.

#### O PARQUE NO SÉC. XX

Em 1943 instala-se no Parque de Santa Gertrudes a Feira Popular de Lisboa, à imagem de muitos parques de diversões que se construíram pela Europa no séc. XIX. Naquele espaço reunia-se a diversão, a gastronomia, o artesanato, a vida política, o teatro, a música, a dança, o comércio e a indústria.

#### O PARQUE CALOUSTE GULBENKIAN (ANOS 60)

Em 1957 o Parque de Santa Gertrudes é adquirido pela Fundação Calouste Gulbenkian, começando aí a funcionar, no ano seguinte, alguns dos serviços da Fundação.

Também em 1958, os arquitectos paisajistas Gonçalo Ribeiro Telles e Manuel de Azevedo Coutinho são chamados para elaborarem, respectivamente, o Projecto do Jardim das Instalações Provisórias, e um estudo de manutenção e conservação do Parque de Palhavã, que se encontrava muito danificado em virtude da utilização intensiva dos últimos anos. Este último estudo deu origem a um relatório em que se faz uma primeira avaliação do coberto arbóreo e propõe medidas de conservação e regeneração de todo o coberto vegetal do Parque.

É então criada uma equipa de jardinagem e respectivas infra-estruturas, para dar seguimento, nos anos seguintes a, remoção de entulho, melhoramento das condições do solo, limpeza e manutenção da vegetação, plantação sucessiva de herbáceas, arbustos e árvores para reconformação da estrutura vegetal matricial, tudo isto ao mesmo tempo que ia sendo elaborado o projecto de arquitectura paisagista.

O carácter do lugar que era este parque deveria e foi, ele próprio, determinante no projecto da concepção dos edifícios da Sede e Museu da Fundação. Os serviços da Fundação foram organizados de maneira a poder iniciar-se a construção antes mesmo do projecto estar inteiramente terminado.

A obra iniciou-se em 1963 e ficou concluída em 1969. Durante estes anos, o Serviço de Projectos e Obras do qual fazia parte uma vasta equipa de engenheiros, desenhadores e os próprios projectistas dos edifícios e dos jardins, acompanhou todos os trabalhos, desenvolvendo interdisciplinarmente, soluções de projecto que respondiam às inúmeras questões que uma obra desta envergadura ia naturalmente levantando.



É de realçar as soluções construtivas altamente inovadoras para a época que desta interacção resultaram e de que é testemunho o conjunto edifício/jardim: os sistemas de drenagem e aproveitamento de águas; todo o sistema construtivo do lago, atravessado subterraneamente pelo edifício, e a criação artificial do ecossistema húmido das suas margens; as técnicas de plantação e fixação de árvores sobre laje, entre outras.

#### OS JARDINS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – HOJE

Nas fotografias da época encontramos um jardim bem diferente do que hoje conhecemos – grandes clareiras relvadas em diálogo com jovens maciços de vegetação e alguns conjuntos de árvores herdadas do parque do século XIX.

Reconhecemos ainda os imponentes eucaliptos que de alguma forma determinaram a planta original do edifício, ou as Pimenteiras-bastardas junto ao lago, o desenho do lago e das ribeiras, assim como o anfiteatro poligonal. Em tudo o resto este lugar se foi transformando ao longo de 50 anos, mudando a sua fisionomia, mas não o seu carácter. Depois de em 75 ter tido um momento de grande degradação e ter sido recuperado pelo arquitecto paisagista António Viana Barreto, resistiu à morte da floresta de ulmeiros (pela grafiose), e à amputação do seu principal eixo visual para implantação do edifício do CAM/JAP.



Transformou-se definitivamente, e a vegetação evoluiu para uma densa e heterogénea floresta, interrompida por pequenas clareiras e encerrando no seu interior o lago que consubstancia um arquétipo de paraíso. Este amadurecimento do jardim foi também a materialização da ideia que esteve na base da concepção do projecto, e a revelação do “lugar privilegiado” de Lisboa que o Serviço de Projectos e obras já adivinhava em 58.

O Jardim que hoje encontramos, frondoso, envolvente e cheio de recantos surpreendentes, é o resultado de um diálogo muito forte entre homem e Natureza. Neste caso, é uma situação única, na medida que vão ser os próprios autores do projecto original a intervir, ao longo do tempo, tirando partido do crescimento da vegetação e adequando o jardim às novas solicitações dos tempos.



## O PROJECTO DE REABILITAÇÃO EM CURSO

Em 2000 Gonçalo Ribeiro Telles foi convidado a levar a cabo um novo projecto de reabilitação do Jardim. Iniciadas em 2002, as obras estão na sua fase final, tendo já sido concluídas as fases um, dois e três.

A proposta do Arq.º Paisagista Ribeiro Telles assenta numa forte interacção com o processo de maturação do Jardim, por um lado, controlando os aspectos negativos do seu envelhecimento, e, por outro, integrando os aspectos e lugares mais interessantes que o natural crescimento da vegetação foi criando.



## **PALACIO NACIONAL DE QUELUZ**

The Gardens of the Palácio Nacional de Queluz have always retained the character of a summer retreat, which is what Queluz was originally intended to be, far from the routine and protocol of the Court, and from the very beginning they were most carefully tended since they constitute a natural extension of the rooms of the Palace. The Royal Quinta de Queluz initially comprised a set of properties that were gradually acquired by King Pedro III and King João VI, but today these have been reduced to the land immediately surrounding the Palace, comprising about 15 hectares distributed between the upper gardens and the parkland.

Designed by Robillion, on the lines of French geometrical models, the gardens laid out at Queluz offer us two upper gardens – The Malta Garden and the Hanging Garden - separated one from the other and from the remainder of the park by a balustrade.

Profusely decorated with lakes (Neptune Lake and the Lake of Amphitrite), stone sculptures (sphinxes and putti) and lead sculptures (Vertumno and Pomona, Meleagre and Atlante) most of them from Italy and England respectively, the gardens and the park provides a mythological route of discovery which abounds with gods and heroes of classical antiquity and with numerous allegorical figures. Many of the statues were painted in bright colours or partially gilded.

The gardens of the Palace were a privileged place of leisure and the scene for the many parties and pastimes of the Royal Family who attended firework displays, bullfights and equestrian diversions, at the Tiled Canal the Royal Family sailed in small boats on summer evenings. Today the gardens still preserve much of their former charm and beauty.

### **THE MALTA GARDEN**

The Malta Garden, laid out where there was previously a lake in front of the façades of the Throne Room and the Music Room, is so called by reference to the Order of Malta, of which King Pedro III was the Grand Master, a title held by all the Lords of the Household of the Infante's Estate.

Designed by Robillion, it was also known as the Laurel Cherry Garden, because it contained bushes of that species imported from Netherlands in 1758. In that year alone, 1.458 laurel cherry bushes were brought across from Amsterdam.

The garden occupies the area where the so-called “cypress tank” originally stood and demolished in 1758. These days, there are four marble sculptures representing the arts – Music, Painting, Sculpture and Architecture – in the middle of this area, surrounding a lake with a central group of three boys with a dolphin. Until the early twentieth century, there were also small tanks in each of the four corners of the garden, with figures of boys pouring water. These have been removed: two have been relocated to the Ball Game place amongst the fountains, and the others to one of the circular intersections on the park’s radial broad walks. At the eastern end, above the balustrade, there are six groups in white marble representing childhood scenes. These have been in that location, were initially laid out; their position is recorded in the 1763 inventory.



## THE HANGING GARDEN

The Hanging Garden owes its name to the fact that it is installed above a reservoir which collects the surplus water from the lake, an architectonic solution devised by Robillion to overcome the difference in height and raise it to the level of the Ceremonial Façade. It is also called the Garden of Neptune, and it contains a lake of the same name and also the Lake of Amphitrite.

A document dating from 1758 states that a drainage system is to be constructed, and in 1765 starting the design of flower beds bordered with box that, suggests a parterre de broderie in the French style. Five hundred trees and three hundred box pyramids





– chestnut, elm, box and myrtle – as well as gardening implements, had come directly from the Netherlands at the start of construction on the Palace and its gardens.

In the centre of the Hanging Garden are two imposing lakes – Neptune’s Lake and the Lake of Amphitrite - both decorated with sculptural groups from the London studio of John Cheere. Neptune’s Lake, near the Façade of the Ceremonies, is surrounded by six lead sculptures representing three of the Four Seasons (Spring, Summer and Autumn), and two groups Vertumno and Pomona and Meleagre and Atlante(Cheere 1756). The sculptures around the Lake of Nereid, represent ‘Tethis sitting on a dolphin, inside a stone shell in the form of a Gun-boat, borne by tritons, and dolphins’. At the ends of the garden’s lesser axis are two smaller lateral ponds, with singeries in lead, popularly known as the ‘monkey tanks’.

#### THE FAME’S GATE AND THE GREAT CASCADE

The Fame’s Gate at the end of the balustrade of the Hangind Garden, which is decorated with statues and vases, separates the upper gardens from the park and farmland and represents Heroic Fame mounted on Pegasus, the work of the sculptors Manuel Alves and Filipe da Costa, 1771.

This gate, from which the avenues of the park radiate within a network of small roads interrupted by lakes, is flanked by two great cisterns. It marks the former main drive to the Palace, ending at the northern end in the Ceremonial Façade - designed by Jean-Baptiste Robillion - whose main door is guarded by two imposing lead sculptures by John Cheere, representing Mars and Minerva - and at the southern end by the Great Cascade.

The Great Cascade built in the 1770s, this was clad with elements of carved stone and rocks from Cascais. The water springs from a magnificent gargoyle, which has a large tank in the upper part, and there is a ledge which was decorated with statues in lead and marble, now lost. As an element which is common to many of the gardens of this era, the cascade forms the most spectacular part of the whole system of water features and lakes.

#### THE TILED CANAL

The Jamor River, which flows right through the park at Queluz, from north to south, for a distance of 115 metres, is retained in a canal, formerly known as the Great Lake and lined inside with panels of blue and white tiles. In 1756, João Antunes was paid to lay around fifty thousand tiles. Between 1775 and 1776, Manuel da Costa Rosado also painted tiles for the Canal.



The themes of the compositions are many and varied: sea ports, towers, castles and landscapes, all executed in the third quarter of the eighteenth century. In the outer section, the tiles which line the recesses with seats in them are brightly coloured, representing elegant and palatial scenes and hunting themes. In 1900, by order of King Carlos and Queen Amélia, the whole of



this tiling was restored, and there is a commemorative plaque recording this, made of multicoloured tiles, placed in the central part of the canal and depicting the arms of Orléans.

At this central point there was formerly the Lake House, an 'open-air house' decorated with chinoiserie in the style of the period. It is also known as the Chinese House or House of Music. The Queen's chamber musicians played here on summer evenings while members of the Royal Family drifted in boats on the mirrored waters which, held in check by a system of sluices, reflected the tiled panels of the walls. At night torches in the form of gilded and carved wooden cornucopias were lit along the canal.

### THE SYCAMORE SQUARE

In the northern part of the park there is the longest avenue in the gardens. It begins in the east, in the clearing dominated by three groups sculpted in lead from the studio of John Cheere.

Cain and Abel, which formerly crowned the façade of the Throne Room, after an original in marble by Giovanni de Bologna (1529-1608) housed in the Victoria and Albert Museum in London. Aeneas and Anchises and the Rape of Proserpina.

This whole area made up an important pleasure garden, where pavilions specifically intended for leisure and entertainment were set up. Somewhere in this area was the Magnificent Hall "Barraca Rica", a wooden pavilion that served as a lodging for royal personages.

### THE AVENUE OF THE MEDALLIONS LAKE AND THE FOUNTAIN OF NEPTUNE

The Lake of the Medallions, designed by Robillion in 1764, is the biggest lake in the gardens. The delicately conceived surrounding masonry in the form of star-shaped octagon, with the corners cut by small basins reminiscent of medals; it is equipped with a complicated system of water spouts and fountains.





Bordering the lake are two lead sculptures representing Diana and Adónis, from the studio of John Cheere.

There is another lake with a large group sculpted in stone, representing Neptune surrounded by Tritons, the work of Ercole Ferrata (1610-1686), a disciple and collaborator of Lorenzo Bernini. Commissioned in 1677 for the Palace of the Annunciation by the second Count of Ericeira, it was installed in its present location in 1945, after suffering various vicissitudes.



## PALACIO NACIONAL DA PENA

### DATOS DE INTERÉS

Horários

Época Alta.

Parque da Pena. 09h30 às 20h00 – última entrada às 19h00

Palácio da Pena. 09h30 às 19h00 – última entrada às 18h30

Época Baixa.

Parque e Palácio da Pena. 10h00 às 18h00 – última entrada às 17h00

Como chegar (GPS: 38° 47' 16"N 9° 23' 15"W)

### HISTÓRIA

As referências históricas ao local onde se encontra o Parque da Pena remontam ao século XIV, altura em que aí se teria erigido uma pequena ermida consagrada a Nossa Senhora da Peña, antiga designação de penedo. A ermida teria dado lugar, em 1503, ao Real Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, edificado por ordem de D. Manuel I e confiado à ordem de São Jerónimo. Depois do terramoto de 1755, o Mosteiro da Pena entrou em progressiva decadência devido aos estragos provocados pelo abalo sísmico, à passagem do tempo e à crescente escassez de recursos. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, o mosteiro ficou abandonado. Quatro anos mais tarde, o mosteiro e a mata circundante foram vendidos, em hasta pública, a D. Fernando de Saxe-Coburgo Gotha, rei consorte de D. Maria II (r. 1834-1853).

Inicialmente, o rei pensou apenas em restaurar o velho cenóbio. Mais tarde, muda de ideias e, por volta de 1840, encomenda ao Barão de Eschwege, arquitecto militar da Renânia, que trabalhava em Portugal como engenheiro de minas, um projecto para um "Palácio Novo". Conservando os claustros, a capela quinhentista e alguns anexos, Eschwege desenha um palácio com constantes referências arquitectónicas de influência manuelina e mourisca. O resultado foi descrito por Richard Strauss, aquando da sua visita a Sintra: "Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conheço a Itália, a Sicília, a Grécia e o Egipto e nunca vi





nada que valha a Pena. É a coisa mais bela que tenho visto. Este é o verdadeiro jardim de Klingsor – e, lá no alto, está o castelo do Santo Graal”.

Em colaboração com o Barão de Eschwege e o Barão de Kessler, D. Fernando II (reg. 1853-1855) vai definir também o plano e projecto do Parque que viria a envolver o Palácio da Pena. Aproveitando o terreno acidentado, a fertilidade do solo e a singularidade climática da serra, manda plantar um imenso arvoredo, originário de regiões distantes, enquadrando, bem ao gosto romântico da época, ruínas, pavilhões e pequenas construções para criar ambientes diversos e cenários de inigualável beleza natural.

Em 1869, D. Fernando II casa com Elise Hensler, Condessa d’Edla (n. 1836-m1929). A sua segunda esposa iria ser a sua mais fiel colaboradora no processo de arborização e embelezamento do Parque da Pena e tapadas anexas. Partilhando o mesmo gosto pela natureza que o monarca, Elise Hensler vai contribuir para o enriquecimento dos jardins, quer através da plantação da Feteira da Condessa, quer introduzindo espécies raras provenientes da América do Norte, onde vivera parte da sua juventude. Para terem uma residência separada do Palácio, D. Fernando II e a Condessa mandaram edificar o Chalet, edifício recuperado e aberto ao público em 2011, que preconizou o gosto pela construção de chalets em Sintra e no Estoril.

Em 1885, D. Fernando deixa em testamento, para além de outras propriedades, todo o Parque e o Palácio da Pena à sua segunda esposa. Perante a violenta reacção da opinião pública ao testamento, a Condessa acabaria por vender ao Estado em 1889, todas estas propriedades. A intervenção botânica na serra foi de grande envergadura, já que a imagem profundamente arborizada da serra de Sintra, que hoje conhecemos não correspondia, de modo algum, à realidade na segunda metade do século XIX. Além de espécies florestais europeias, foram introduzidas muitas outras originárias de regiões distantes. Foi o caso das Sequóias e Túias da América do Norte, das Araucárias do Brasil e da Austrália, das Criptomérias do Japão e dos Cedros do Líbano. Construiu-se assim, um ambiente natural de rara beleza e de enorme importância científica que, seguramente muito contribuiu para a classificação de Sintra, pela Unesco como Património da Humanidade.

#### HORTA DOS FRADES OU JARDIM DA RAINHA

O nome deve-se ao facto de ser esta a localização da primitiva horta dos frades que habitavam o mosteiro no século XVI. Actualmente toma a designação de Jardim da Rainha, por se supor ter sido mais tarde construído para a rainha D. Amélia.



### PICADEIRO

O picadeiro serviu para as lições de equitação dos príncipes, para garraizadas e como local onde se guardavam os coches. À sua volta existiam magníficas Sequóias vindas da América do Norte, que o ciclone de 1941 viria a destruir. Felizmente, foram poupadas as Magnólias que nos oferecem um espectáculo magnífico na época de floração.

### ALTO DE SANTO ANTÓNIO

O seu nome deve-se a uma capela circular que aí existia dedicada a Santo António, pertencente ao antigo mosteiro Jerónimo. No local foi construído, segundo um projecto do pai de D. Fernando II, o Templo das Colunas, miradouro, hoje envolvido pela densa vegetação do parque e de onde se podia desfrutar uma das mais belas vistas sobre o Palácio.

### GUERREIRO

No alto do aglomerado de rochedos encontra-se a estátua do Guerreiro localizada no penedo da Tapada do Ferreira, a cerca de 490 metros de altitude. Trata-se de um bronze da autoria de Ernesto Rusconi (1848) que pretenderá representar o Rei D. Fernando II como guardião da sua obra.

### CRUZ ALTA

É o ponto mais alto da serra de Sintra, atingindo os 529 metros de altitude. O seu nome deve-se a uma cruz que lá foi colocada no século XVI, por ordem de D. João III. Esta cruz, em pedra e com uma estrutura interna de ferro foi atingida várias vezes por relâmpagos, acabando por ser destruída.

### ALTO DE SANTA CATARINA

Este seria o miradouro preferido da rainha D. Amélia, mulher do rei D. Carlos I. Por esse motivo, o banco que aqui se encontra talhado na rocha granítica é chamado o "Trono da Rainha". Daqui é possível avistar o Palácio e a copa das árvores. As espécies que enquadram este miradouro são, na sua maioria, carvalhos (Carvalho-negral), parte importante da floresta primitiva da serra.



### GRUTA DO MONGE

Ainda no tempo do mosteiro, este foi um dos locais utilizados pelos frades Jerónimos como local de meditação e recolhimento.

### FETEIRA DA RAINHA

A este vale terá sido dado o nome de Feteira da Rainha em homenagem à rainha D. Amélia. A feteira é constituída por uma colecção de Fetos, alguns originários da Austrália e da Nova Zelândia, a que se juntaram Castanheiros autóctones, Faias e Carvalhos que coexistem com os Rododendros asiáticos, Camélias e Bordos do Japão, bem como uma Túia-gigante, oriunda da América do Norte.

## QUINTA DA REGALEIRA

### DATOS DE INTERÉS

#### Horarios:

Enero, noviembre y diciembre: 10:00-17:30h

Febrero, marzo y octubre: 10:00 – 18:30h

Arbil a septiembre: 10:00 – 20:00h

#### Precios entrada libre:

Niños hasta 8 años: gratis

Niños 9-14: 3 €

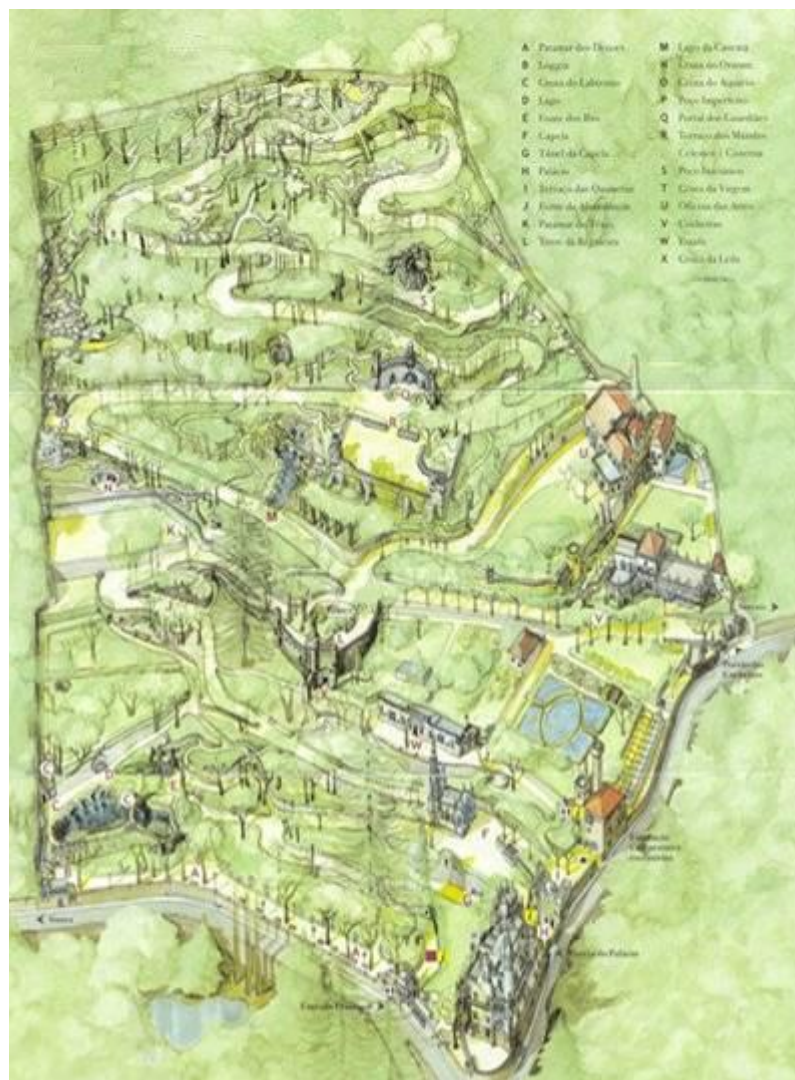
Estudiantes >15 años: 4 €

Carnet joven: 4 €

Adultos: 6 €

Asultos > 65 años: 4 €

Familia: 18 €



La Quinta da Regaleira es uno de los monumentos más sorprendentes de la sierra de Sintra. Situada en el término del centro histórico de la villa, fue construida entre 1904 y 1910, en el periodo final de la monarquía.

Los dominios románticos antaño pertenecientes a la Vizcondesa da Regaleira fueron adquiridos y ampliados por el Sr. António Augusto Carvalho Monteiro (1848-1920) para fundar su lugar predilecto. Poseedor de una fortuna prodigiosa, que le valió el mote de “Montero de los millones”, asoció su singular proyecto de arquitectura y paisaje al genio creativo del arquitecto y escenógrafo italiano Luigi Manini (1848-1936), así como a la maestría de los escultores, canteros y talladores que habían trabajado con él en el Palace Hotel de Buçaco.

Hombre de espíritu científico, vastísima cultura y rara sensibilidad, notable bibliófilo, coleccionista juicioso y gran filántropo, dejó impreso en este libro de piedra la visión de una cosmología, síntesis de memoria espiritual de la humanidad, cuyas raíces se sumergen en la Tradición mítica lusa y universal. La arquitectura y el arte del palacio, de la capilla y demás construcciones se concibieron desde el punto de vista escénico en el contexto de un jardín edénico, en el que destaca la predominancia de los estilos neomanuelino y renacentista. El jardín, representación del microcosmos se revela a través de la sucesión de lugares empapados de magia y misterio. El paraíso se materializa en coexistencia con un inferius – un dantesco mundo subterráneo – al que el neófito sería conducido por el hilo de Ariadne de la iniciación.

Con estos escenarios se hace realidad la representación de un viaje iniciático, cual vera peregrinatio mundi, por un jardín simbólico en el que podemos sentir la Armonía de las esferas y





escrutar la alineación de una ascesis de consciencia que viaja por las grandes epopeyas. En él se vislumbran referencias a la mitología, al Olimpo, a Virgilio, a Dante, a Camões, a la misión templaria de la Orden de Cristo, a grandes místicos y taumaturgos, los enigmas del Arte real y a la Magna Obra Alquímica. En esta sinfonía de piedra se revela la dimensión poética y profética de una Mansión filosofal lusa. Aquí se funden el cielo y la tierra en una realidad sensible, la misma que presidió la teoría de lo bello, de la arquitectura y de la música, que la concha acústica de la Terraza de los mundos celestes permite propagar por el infinito.

Diversos estilos se reconocen; aunque hay un predominio del manuelino en la utilización de cuerdas, elementos vegetales y esferas armilares. También abundan las figuras animales o antropomórficas y los símbolos esotéricos relacionados con la alquimia y la masonería. Para esta mezcla de lo sobrenatural y lo divino era evidente la elección del arte gótico como el más representativo.



La visita comienza junto al Patamar dos Deuses, un largo camino flanqueado por estatuas de seres divinos. Desde aquí se pueden visitar los jardines, donde pequeños lagos, fuentes, torres y grutas cargadas de elementos simbólicos sorprenden a cada paso, y donde plantas traídas de todas partes del mundo crecen armónicamente con la vegetación autóctona.

En uno de los senderos, una puerta disimulada en la piedra lleva a uno de los lugares más impresionantes de la quinta: el pozo iniciático, que a modo de torre invertida lleva al interior de la tierra. De quince en quince escalones y en forma de espiral se descienden nueve plataformas que, recreando el ritual, harían bajar al abismo o subir al cielo, según el recorrido iniciático escogido. Las nueve plataformas son una referencia los nueve círculos del Infierno, las nueve secciones del Purgatorio y los nueve cielos del Paraíso de la Divina Comedia de Dante. En el fondo, acentuando el dramatismo, sobresale la Cruz de los Templarios gravada en mármol rosa sobre una rosa de los vientos, que era el emblema heráldico de Monteiro.

Desde el fondo parten una serie de grutas laberínticas, en otros tiempos habitadas por murciélagos, que conducen al exterior, a un jardín poblado de animales fantásticos, con cascadas y pasajes de piedra sobre el lago.



Otro verdadero tesoro es la Capilla de la Santísima Trinidad, en cuya fachada están representados, a ambos lados, Santa Teresa de Avila y San Antonio, y en el centro, el Misterio de la Anunciación (el Angel Gabriel anunciando a María el nacimiento del hijo de Dios). A la derecha de la entrada de la capilla desciende una escalera en espiral que lleva a una sombría cripta.

La fachada del palacio se caracteriza por una decoración abundante en gárgolas, pináculos y capiteles. Una torre octogonal destaca en lo alto como queriendo alcanzar el cielo.



Al nivel de la calle se encuentran el salón principal, el comedor y la Sala del Billar o de los Reyes, todos ricamente decorados con mosaicos venecianos y cálidas maderas, interconectados por pasillos con otros cuartos más pequeños y varias escaleras. En el primer piso están los dormitorios y en el segundo, la oficina que solía utilizar Monteiro. El último piso permitía acceder a una terraza en lo alto. En los sótanos estaban la cocina y las habitaciones de los empleados.

En la actualidad, el Palacio da Regaleira es el sitio indicado para albergar una exposición de objetos masónicos reunida por José Eduardo Pisani Burnay, una de las más importantes colecciones en su tipo, constituida por alrededor de 600 piezas.



## PARQUE VERDE DA MONDEGO

### DATOS DE INTERÉS:

Ciudad: Coimbra (142.408 habitantes)

País: Portugal

Inicio del proyecto: 1995

Inicio de las obras: 1997

Final de las obras: 2008

Superficie Total: 230.000 m<sup>2</sup>

Coste Total: 18.250.000 €

Finalista 2010 del concurso Public Space

Promotor: Câmara Municipal de Coimbra

Autores: MVCC - Mercês Vieira e Camilo Cortesão

Colaboradores: Mercês Vieira, Camilo Cortesão, Luis Pena, architects PROAP, João Ferreira Nunes, Carlos Ribas, landscape architects ADF, RGA, GR, structural and services engineer

### ESTADO ANTERIOR

No hace mucho que el río Mondego fue canalizado a su paso por Coimbra. Las represas construidas aguas arriba hacen que ahora su curso sea estable pero, durante siglos, la frecuencia de las crecidas obligó a la ciudad a reservar una franja no edificada en ambas orillas. Desatendiendo esta precaución, el monasterio de Santa Clara-a-Velha se erigió en el siglo XIV demasiado cerca de la orilla izquierda y los monjes acabaron abandonándolo tres siglos más tarde. Más cautos fueron la aristocracia y el resto del clero que, desde la edad media, eludieron los peligros del río ocupando la Cidade Alta, en lo alto de una colina, mientras que en el llano se extendió la Cidade Baixa, donde vivían los artesanos y los comerciantes.

En la colina se instalaría asimismo la Universidad de Coimbra que, tras ser desplazada varias veces entre Lisboa y Coimbra, quedó definitivamente asentada en la Cidade Alta en 1537. Hoy en día es una de las universidades más antiguas de Europa y, con cerca de veinte mil estudiantes, constituye el principal foco de actividad de Coimbra. Lo demuestra la Queima das Fitas, una fiesta de graduación centenaria que, todos los años, llena la ciudad de conciertos y espectáculos durante más de una



semana. En el legado que la presencia universitaria ha dejado en Coimbra destacan la Biblioteca Joanina, el Museo de la Ciencia y el Jardín Botánico. Fundado en 1772, este jardín ocupa el Valle de las Ursulinas, al pie meridional de la colina, extendiéndose por buena parte de los terrenos que caen cerca de la orilla derecha del Mondego. Lo separa del agua una franja de doscientos metros de ancho donde, aparte de un jardín romántico del siglo XIX, hasta hace poco no había más de campos de naranjos abandonados. En la orilla izquierda, la franja no edificable que bordea el río presentaba un grado de abandono similar. Aparte de los restos arqueológicos del monasterio de Santa Clara-a-Velha, que son visitables desde que fueron excavados a principios del presente siglo, no servían para albergar nada más que aparcamientos superficiales y eventuales recintos feriales.

#### OBJETO DE LA INTERVENCIÓN

La estabilización del curso del Mondego permitió que el Ayuntamiento de Coimbra se planteara renovar las franjas no edificables de las dos orillas para ponerlas a disposición de la ciudad como espacios públicos consolidados y abiertos a todo el mundo. A este efecto, en 1994 convocó un concurso público que preveía destinar casi veinte millones de euros a la recuperación de veintitrés hectáreas de frente fluvial.

#### DESCRIPCIÓN

La intervención ha creado en ambas orillas del Mondego sendos parques enfrentados y unidos por una nueva pasarela para ciclistas y peatones. El parque de la orilla derecha es una extensión del jardín romántico existente y entronca con su eje principal a través de una rampa y una amplia escalinata de madera. Tanto la una como la otra salvan el desnivel entre el jardín del siglo XIX, elevado para eludir las crecidas, y el nuevo parque, situado a ras del curso ahora estabilizado.





Una fuente constituida por un muro de pizarra acompaña la rampa y recorre longitudinalmente todo el parque para ocultar el aparcamiento superficial. La escalinata aterriza sobre una plataforma de madera situada cerca del agua y ocupada por una serie de pabellones de hormigón rojo que contienen bares y restaurantes con terrazas. Un paseo asfaltado que da continuidad al extremo oriental de la pasarela recorre diagonalmente el parque acompañado por cuatro pabellones cúbicos de cristal y hormigón. Tiene varias travesías perpendiculares que mueren sobre el río formando voladizos aptos para pescar y para disfrutar de vistas tangenciales de la orilla.

En la orilla izquierda, cerca de los restos del monasterio de Santa Clara-a-Velha, se ha erigido un gran escenario cubierto que permite acoger los actos más multitudinarios de la Queima das Fitas. Un canal navegable cruza el parque en diagonal. Lo acompañan dos paseos arbolados y lo cruzan dos pasarelas peatonales. En su lado occidental se hallan pabellones de madera que sirven para guardar pequeñas embarcaciones.

## VALORACIÓN

La inestabilidad del Mondego, que durante siglos había mantenido a raya a Coimbra, ha resultado ser una forma de ahorro que ha servido para resguardar unos terrenos bastante atractivos para la voracidad urbanística. Ahora, la contención del río ha brindado a la ciudad la oportunidad de contar con





estos terrenos para expandirse. Con el parque del Mondego, Coimbra ha aprovechado la ocasión para hacerlo de forma coherente y ordenada. El nuevo parque propaga la masa vegetal del Jardín Botánico hasta llegar al agua y extiende el escenario de una fiesta tan arraigada como la Queima das Fitas hasta la orilla izquierda. Elementos como el canal navegable, la plataforma a ras del agua o los voladizos para pescadores celebran la docilidad del río y la aprovechan para asomarse a él.

## PARQUE DR MANUEL BRAGA

En la margen derecha del río Mondego se encuentra situado el Parque del Dr. Manuel Braga o también conocido como el Parque de la Ciudad. Diseñado hacia 1920 por el paisajista Jacinto de Matos, sigue los trazados de parque urbano propios del siglo XIX, con espacios floridos y bien cuidados, con plantaciones de especies frondosas que aportan sombra sobre los bancos decorados en muchas ocasiones por los típicos azulejos portugueses desde los que se puede observar el curso del Mondego o el Monasterio de Santa Clara la Vieja, situado en la orilla opuesta del parque.



Cuenta con un templete que fue proyectado por Silva Pinto. Entre las diversas piezas escultóricas presentes en él, se destacan el busto de Antero de Quental, obra de Diogo de Macedo, y la romántica evocación de Florbela Espanca del escultor gallego Armando "Jesús" Martínez.

Dispone de un embarcadero en el que amarra un pequeño barco turístico que hace rutas por el río para poder observar la ciudad desde otro punto de vista, generalmente no explorado.



## JARDÍN BOTÁNICO DE COIMBRA





O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, localizado no coração da cidade de Coimbra desde 1772, por iniciativa do Marquês de Pombal, estende-se por 13 ha em terrenos que na sua maior parte foram doados pelos frades Beneditinos.

Os jardins botânicos surgem na Europa como consequência da expansão europeia do século XV. O contacto com plantas e animais exóticos despertou o interesse pelo seu estudo. Exemplo disso foi o português Garcia da Orta que no séc.XVI viajou para a Índia e se dedicou ao estudo das propriedades terapêuticas das plantas, publicando dois importantes ensaios.

O século XVIII é marcado por uma revolução de mentalidades e por grandes avanços na ciência, nomeadamente no campo da Medicina. Assim, o Jardim Botânico de Coimbra foi criado com o objectivo de complementar o estudo da História Natural e da Medicina. Tendo tido como primeiro responsável Domingos Vandelli destaca-se, a partir de 1791, o papel desempenhado pelo naturalista e botânico Avelar Brotero com várias publicações científicas, entre as quais a primeira Flora Lusitana (1804). Este investigador português deu início à primeira escola prática de Botânica.



A criação do banco de sementes e respectiva publicação do Index Seminum (catálogo de sementes) em 1868, até hoje anualmente actualizado, incluiu variedades exóticas e portuguesas muito diversificadas. Este facto permite-nos hoje salvaguardar espécies que se encontram em risco de extinção no seu habitat natural. O jardim ganhou assim novas funções no âmbito da conservação da natureza.

No domínio educativo, o Jardim Botânico de Coimbra promove programas de educação ambiental e cultural, sensibilizando os cidadãos para questões ligadas às temáticas ambientais e à adopção de comportamentos cívicos. O Jardim é também um espaço de tranquilidade, repleto de recantos que nos convidam simplesmente a um passeio.



## ALAMEDA DAS TILIAS

É um dos lugares emblemáticos do Jardim, que nos traz à memória os antigos passeios públicos das cidades europeias. Aqui, o cenário aprazível muda sazonalmente e em Maio/ Junho acresce à beleza deste espaço o agradável perfume das flores.



## ESTUFA GRANDE

Construída em 1856, é um dos mais antigos edifícios da arquitectura do ferro em Portugal. A conjugação perfeita entre o ferro e o vidro conferem a este espaço uma beleza invulgar. Alberga essencialmente plantas tropicais e subtropicais. Está dividida em três secções, que reproduzem climas tropicais, subtropicais e temperados. Aqui encontramos uma grande diversidade de espécies, das quais se destacam orquídeas, plantas carnívoras, árvores tropicais e fetos.

## ESTUFA VICTÓRIA

Possui um lago artificial, onde podemos encontrar, entre outras espécies, o maior nenúfar do mundo, a *Victoria cruziana*, originária da região equatorial do Rio Amazonas. As folhas podem atingir até 2 metros de diâmetro e suportar cerca de 30 kg na sua superfície; as flores, perfumadas e exuberantes, duram apenas 48 h, sendo brancas no primeiro dia e rosa-púrpura no segundo. Um dos prodígios da Natureza patente ao público nos meses de Verão.

## RECANTO TROPICAL

A excelente exposição solar permitiu recriar neste espaço um ambiente tropical, com palmeiras de diferentes espécies oriundas de todos os continentes, incluindo a única espécie

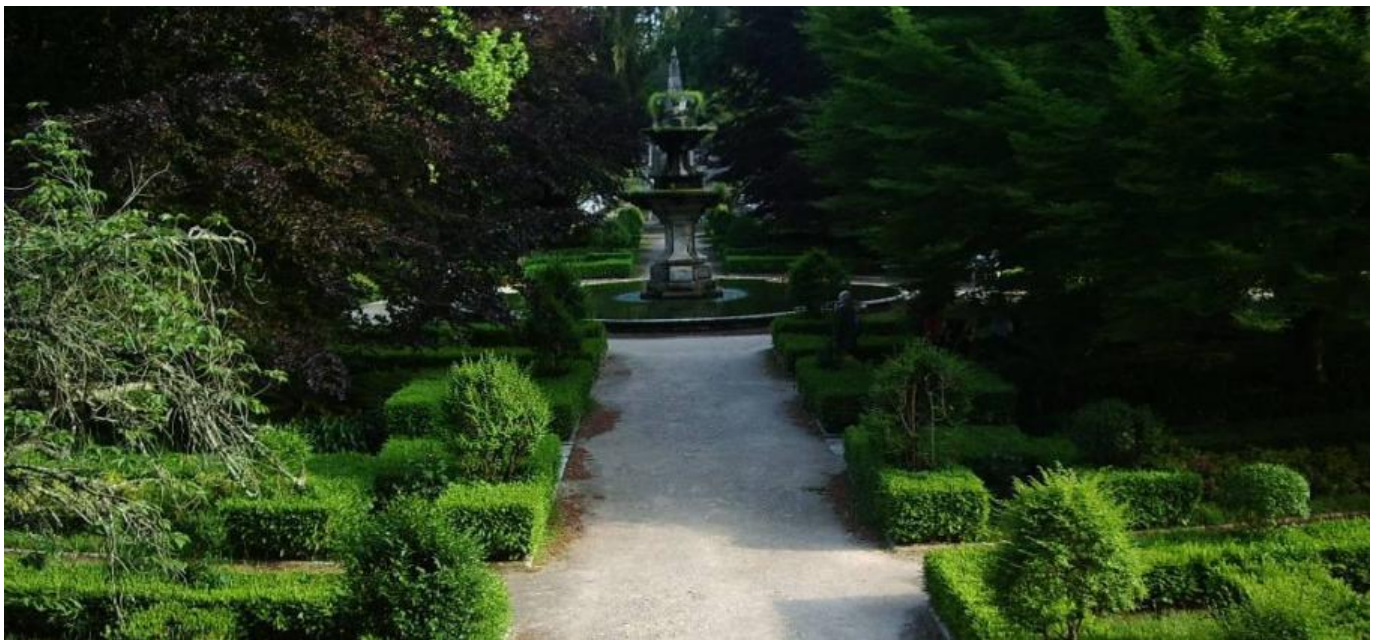




portuguesa, espontânea no Algarve, *Chamaerops humilis* ssp. *humilis*, assim como muitas estrelícias arbóreas (*Strelitzia nicolai*).

#### QUADRADO CENTRAL/ FONTANÁRIO

Este terraço pode-se considerar o “berço” do jardim. As características típicas do estilo neoclássico estão aqui bem representadas. Portões de ferro forjado, cantarias, muros e canteiros projectados geometricamente, estão orlados com sebes de Bucho. A diversidade reina neste lugar, onde Magnólias variadas, Cerejeiras de jardim, Azáleas, entre outras, ladeiam um grandioso Fontanário Central, transmitindo a esta área toda a atmosfera do Romantismo





## ESTUFA FRIA

Construída na década de 50, sob direcção do então director e ilustre botânico Prof. Dr. Abílio Fernandes. Aqui habita uma flora adaptada a ambientes húmidos e sombrios. As plantas estão rodeadas por uma cascata mural e um pequeno riacho que atravessa toda a estufa. Pode apreciar ainda uma estátua dessa época, de nome “Botânica”, um nu feminino do escultor Martins Correia, que simboliza a Ciência das Plantas.

## ESCOLAS SISTEMÁTICAS . ESCOLA MÉDICA

Durante muitos séculos e mesmo nos nossos dias, a medicina apoiou-se na botânica para a investigação de propriedades terapêuticas de algumas plantas. As escolas de Sistemática do Jardim Botânico, que constituem uma reserva para o banco de sementes do Jardim, são escolas de Botânica, destacando-se a Escola Médica que apresenta plantas aromáticas e medicinais. As plantas encontram-se organizadas e distribuídas nos canteiros por ordem das famílias a que pertencem.

## BAMBUZAL . CAPELA DE SÃO BENTO

Podemos chamar a esta zona a “Catedral do Bambu”. Introduzido no Jardim em 1852, a *Phyllostachys bambusoides* é a espécie de bambu com melhor adaptação ao Jardim, ocupando hoje uma área total de um hectare da mata. Encontramos ainda nesta parte do Jardim a capela de São Bento, inicialmente uma casa de fresco do séc. XVII que foi adaptada a local de oratória na época dos frades Beneditinos.

## MATA

A mata ocupa dois terços da área total do jardim. Nesta zona predomina uma densa vegetação, composta na sua maioria por árvores exóticas de várias regiões do mundo. Neste espaço as espécies vivem em competição livre e directa. Esta área inclui



ainda um vale com uma colecção de Monocotiledónias, 50 espécies diferentes de eucaliptos, uma estufa-fria, a magnífica plantação de bambus. Mais recentemente foi instalado um pomar que invadiu esta zona de novos perfumes.

### PORTÃO PRINCIPAL

Da autoria de Mestre Galinha, este portão, que dá mote à sacramental pergunta aos caloiros de Coimbra, na Parse académica ("Preto é, Galinha o fez em Coimbra?"), feito em ferro forjado com aplicações de bronze, foi concluído em 1884. Este é um bom exemplo do estilo neoclássico, conjugado com a arte de trabalhar o ferro, muito em voga nos finais dos séc. XIX.

### ESTÁTUA DE JÚLIO HENRIQUES

Nomeado director do Jardim Botânico de Coimbra em 1873, intensifica as trocas de plantas e sementes com outros Jardins Botânicos. Do Jardim Botânico de Java consegue sementes de espécies do género *Chinchona* de cuja casca se extrai o quinino fundamental para o combate ao paludismo. Dirigiu várias expedições científicas com o objectivo de recolher espécies da flora portuguesa. Foi também o fundador da primeira e única sociedade científica botânica do país, a Sociedade Broteriana. Estátua esculpida por Barata Feio em 1951.

### BAIXO RELEVO DE LUÍS CARRISSO

Nomeado director do Jardim em 1918, dá continuidade ao trabalho do Professor Júlio Henriques no enriquecimento do Herbário do Jardim Botânico de Coimbra. Dirige várias expedições científicas com esse fim no território português e desenvolve a recolha de espécies da flora Africana. Veio a falecer prematuramente Numa expedição em Angola. Baixo-relevo da autoria de José dos Santos em 1948.





## CASA DA CHÁ DE BOA NOVA MATOSINHOS

### DATOS DE INTERÉS

Nova – Matosinhos

4450-705 MATOSINHOS

Leça da Palmeira

Portugal

Autor: Alvaro Siza

Año fin de obra: 1963

La Casa de Té de Boa Nova en Matosinhos fue construida como resultado del proyecto ganador por el arquitecto portugués Fernando Távora del concurso promovido por el Ayuntamiento en 1956. Tras la elección del sitio en los acantilados a la orilla del océano, Távora cedió el proyecto a su colaborador, Álvaro Siza, siendo este uno de los primeros proyectos ejecutados de Siza. Este proyecto era especialmente significativo para el arquitecto por la proximidad de la ciudad donde se crió el arquitecto, en un paisaje con el que estaba íntimamente familiarizado.



En la década de los 60 en Portugal el proyecto arquitectónico estaba siempre en estrecho contacto con el sitio, y en este trabajo, al igual que las piscinas de Leça de muy próxima a la casa da chá, se aborda el proyecto como "la construcción del paisaje" de esta zona marginal en el Atlántico - a través de un análisis cuidadoso de las condiciones meteorológicas y las mareas, de la vegetación existente y las formaciones rocosas, y su relación con el paseo marítimo y la ciudad situada a sus espaldas.



Al edificio se accede desde un estacionamiento anexo a través de un sistema de plataformas y escaleras, dirigiendo el paseo hacia una entrada protegida por un techo muy bajo y enormes rocas propias del lugar, es un camino sinuoso revestido de piedra blanca y rodeado por muros de hormigón pintado. Se pueden observar desde el mismo diversas perspectivas del paisaje, ya que, alternativamente se esconde y se revelan el mar y la línea del horizonte.

La planta del edificio tiene forma de mariposa y las dos alas principales se abren alrededor de la ensenada del mar, sus paredes exteriores se desarrollan siguiendo la topografía natural del espacio.

El salón de té dispone de grandes ventanales sobre una base de hormigón visto, mientras que el comedor está completamente acristalado, sobre una plataforma al aire libre. En ambas estancias los marcos de las ventanas pueden deslizarse por debajo del suelo, de manera que los aleros se proyectan en continuidad con el techo. De esta manera se crea un efecto asombroso en el verano, cuando es posible salir del comedor directamente al mar, y el edificio parece desvanecerse.



## PISCINAS DE LEÇA

### DATOS DE INTERÉS:

Leça Swimming Pools

Avenida da Liberdade

Leça da Palmeira

Portugal

Autor: Alvaro Siza

Año fin de obra: 1966



El proyecto está situado a lo largo de la avenida costera de Leça, incluyendo dos piscinas, vestuarios y una cafetería, que se sitúan por debajo del nivel de la carretera para permitir las vistas panorámicas hacia el mar según se circula por la misma

Debido a la necesidad de limitar los presupuestos de ejecución y para preservar el paisaje, el proyecto se ideó intentando realizar la mínima intrusión en el terreno existente.

El acceso a las piscinas se realiza a través de una rampa peatonal desde el paseo marítimo. El visitante desciende gradualmente, perdiendo de vista gradualmente el horizonte, en un laberinto de paredes de hormigón, plataformas y cubiertas de los vestuarios. El recorrido estos largos pasillos oscuros lleva de nuevo a la luz del Atlántico, pero sin mostrar todavía el agua. Con este juego sutil de los sentidos se pretende cortar el paisaje en dos, dejando el cielo al descubierto y permitiendo sólo el sonido del océano. La composición general del espacio se entiende sólo desde la perspectiva de las piscinas, ya que desde el exterior se aprecia como una figura abstracta en el paisaje.



La piscina de mayor tamaño se encuentra limitada por muros rectilíneos bajos de hormigón que se extienden hacia el mar y complementándose en los otros tres lados restantes por las formaciones rocosas naturales. La continuidad de estas paredes con la topografía existente y el nivel del agua de la piscina, que parece ser contigua al mar, se establece como una transición suave, que confunde lo realizado por la mano del hombre y la naturaleza.

La piscina infantil, situada hacia el interior del recinto, se encuentra rodeada por una pared curvilínea, y resguardada del resto del espacio mediante de otras formaciones rocosas y cuenta con un puente de hormigón que sirve de acceso desde la entrada, siendo lo suficientemente bajo como para desalentar a los adultos a pasar por debajo.

Muchos de los materiales empleados en este complejo ya habían sido utilizados por Siza en otros proyectos anteriores, pero es en este proyecto donde logran un inusual nivel de homogeneidad con el paisaje: el hormigón en bruto, de un tono ligeramente más leve que las formaciones rocosas, paneles de hormigón lisos para el pavimento, carpinterías de madera de Riga y cubiertas verdes cobre, que a la vista desde el paseo marítimo adquieren un color similar al de las piscinas.





## PASEO Y JARDIN DAS VIRTUDES

<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=1002&AreaType=3&Area=5>

<http://es.lifecooler.com/lifecooleres/huerto-de-las-virtudes-espacios-verdes-382130-1.html>

También conocido como Paseo de las Virtudes, este jardín es uno de los triunfos de la zona antigua de Oporto, y se halla entre los alrededores de la Torre de los Clérigos, el monasterio de San Benito de la Victoria, el barrio popular de Miragais y el edificio de la antigua Aduana.

Este jardín se desarrolla sobre las terrazas del valle que trazaba el antiguo río Frío, que fue completamente desecado y que desembocaba en las arenas de Miragaia.

Diseñado por José Marques Loureiro que transformó la Quinta das Virtudes en un centro de producción de plantas. Después de haber sido adquirido por el Ayuntamiento de Porto, el parque fue remodelado en 1998.

Del antiguo jardín subsisten bancos y terrazas, realizadas en mortero granulado, imitando troncos de árboles, y otros vestigios de las antiguas plantas que revestían muros y pequeños 'peñascos', también en realizadas en mortero granulado, para las plantas. Merece especial atención un ejemplar de ginko del siglo XVIII. Destacan las impresionantes vistas sobre el río Duero y la orilla de Porto.

## PARQUE DA CORDOARIA

<http://www.porto-tourism.com/porto-attractions/parks-and-gardens-in-porto/cordoaria-garden.html>





<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/Descobrir/detalhespoi.aspx?poi=721&idcategory=n1n&lang=es>

El Jardín Joao Chagas conocido popularmente como Jardín de Cordoaria se encuentra en las proximidades de algunas de las principales atracciones de Oporto, como la Torre de los Clérigos (y la iglesia anexa), el Centro Portugués de Fotografía y el histórico Hospital de Santo Antonio. Debe este nombre de Cordoaria a las diferentes actividades de los cordoneros que estaban instalados en este lugar 'la nueva cordonería de Porto' durante cerca de 200 años.

En el s. XIX, el Ayuntamiento decidió transformar la Praça da Cordoaria en un paseo público, encargándose de la obra el paisajista alemán Emilio David que se encargó también del diseño de los jardines de Palacio de Cristal situado en la parte alta de Oporto. El jardín mantiene este aire elegante y romántico hasta 1941, cuando sufrió profundos cambios significativos debido a un fuerte ciclón que devastó el espacio, dañando gravemente su patrimonio vegetal. Fue en el año 2001 (cuando Oporto fue designada capital europea de la cultura), cuando el jardín fue rediseñado a cargo de Camilo Cortesano.

En este jardín se disponen importantes elementos arbóreos, cuenta con estanque y se pueden encontrar varias esculturas de poetas y escritores portugueses como Ramalho Ortigão y António Nobre y cuenta además, con un conjunto de esculturas del escultor español Juan Muñoz que datan de 2001, además del significativo "O rapto de Ganimedes".

<http://oportoando.com/barrios/centro-de-oporto/centro-de-oporto-cordoaria/>

FUNDACIÓN SERRALVES

<http://alvarosizavieira.com/1997-serralves-museum-of-contemporary-art?nggpage=2>



[http://www.masdearte.com/index.php?option=com\\_elements&view=guia&id=1336&Itemid=28&layout=guia](http://www.masdearte.com/index.php?option=com_elements&view=guia&id=1336&Itemid=28&layout=guia)

Rua D.João de Castro 210

Porto

Portugal

Alvaro Siza 1997

El complejo de la fundación Serralves está situado en la Quinta del mismo nombre, que comprendía una gran casa rodeada de jardines, bosques y praderas, encargados en la década de 1930 para servir como residencia privada y que posteriormente fue reutilizado como espacio expositivo alojando el nuevo Museo de Arte Contemporáneo. El edificio dedicado a museo se desarrolla sobre las antiguas huertas de la quinta, que en la actualidad han sido transplantados a otra área de la propiedad. Se eligió este espacio por su proximidad con la avenida principal, lo que facilitaba el acceso público, y para evitar la tala de grandes ejemplares arbóreos, que se desarrollan sobre la superficie de la quinta.

El edificio se estructura a través de dos alas asimétricas que se ramifican hacia el sur del cuerpo principal del museo, creando un patio entre ellas, mientras que otro patio se conforma en el extremo norte entre el volumen en forma de L de la sala y el atrio de acceso al público.

El revestimiento exterior del edificio está cubierto con piedra o estuco de color blanco en las que se distribuyen ocasionalmente diferentes huecos, que enmarcan las vistas sobre la huerta, pretendiendo una intrusión mínima en el paisaje. En otros muros la distribución del revestimiento de granito sigue las variaciones de la tierra a lo largo de la pendiente descendente de varios metros de altura de norte a sur.

El complejo del Parque de Serralves es una finca de aproximadamente 18 hectáreas, cuenta con varios edificios, destacando la casa Serralves o casa rosada construida en 1930 y de estilo Art Decó, fue diseñada como vivienda para el segundo Conde



de Vizela y en 1996 se clasificó como edificio de interés público. y el museo de arte moderno de Álvaro Siza. El conjunto de la finca se distribuyen diversas áreas dedicadas a parque, jardín formal, huerto y granja.

Los jardines fueron obra del paisajista francés Jacques Gréber, arquitecto principal de la Exposición de París de 1937, siendo uno de los pocos ejemplos de jardines Art Decó realizados en Europa. de líneas rectas y formas arquitectónicas, asociadas también a la poda de las especies vegetales, que se adecúan la perfección con el estilo de la edificación.

El acceso desde la calle se realiza a través de una plaza de recepción en la que se encuentra situada una escultura y que continúa a través de una avenida arbolada de grandes ejemplares arbóreos que van a finalizar en la fachada principal del edificio. Situado en la franja izquierda del paseo, se dispone un jardín formal de planta rectangular, compuesto por pradera y borduras de boj y elementos de topiaria.

En la franja derecha del paseo y a una cota inferior se dispone un largo corredor en paralelo al paseo, que se corona con una estructura en pérgola sobre la que se disponen glicinas de flor blanca y malva. En esta zona también se disponen masas arbustivas de rododendros y camelias.

En la parte baja de este corredor se dispone en un espacio más abierto la rosaleta, con diferentes variedades de rosas, y es aquí donde se sitúa además el restaurante y salón del té del recinto.

A los pies de la fachada principal de la casa Serralves se encadenan una serie de terrazas que cuentan con diversos estanques y canales de agua bordeados por masas de especies vegetales de floración llamativa que contrastan con las



praderas que las enmarcan. La cadena de agua finaliza en una fuente de grandes dimensiones. Siguiendo el mismo eje marcado por las terrazas, en una cota inferior se ubica un lago de trazado romántico, que cuenta con una pequeña isla en su parte central.

Continuando el trayecto por este eje longitudinal, el de mayores dimensiones de la finca, se accede a las áreas dedicadas a la granja y el huerto, de un curioso trazado en espiral.

Los caminos arbolados se encuentran plantados con diversas especies como *Lyquidambar styraciflua*, que proporciona intensas coloraciones en otoño.

<http://www.revistatravesias.com/numero-66/arte/jardines-art-deco-en-oporto.html>

## FUNDACIÓN

*Rua de João de Castro*

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

De *martes* a *domingo*  
de *10* a *19* *horas.*  
*Museo y parque* *5 euros,* *únicamente* *el* *parque*  
*2.50 euros.*

## SERRALVES

*210*



## Fuentes bibliográficas

Conjunto de la Expo 98

<http://courses.umass.edu/latour/Spain/kcomeau/index.html>

Parque do Tejo

<http://weluv.it/cities/lisbon/parque-do-tejo-e-do-trancao/>

[http://www.portaldasnacoes.pt/item/parque-tejo/?category\\_id=266](http://www.portaldasnacoes.pt/item/parque-tejo/?category_id=266)

<http://www.hargreaves.com/projects/Waterfronts/ParqueDoTejo/>

[http://www.proap.pt/site/l\\_por/projectos/parque\\_tejo\\_d.html](http://www.proap.pt/site/l_por/projectos/parque_tejo_d.html)

Parque das Nações

<http://www.portaldasnacoes.pt/category/jardins/>

MUSEU DO TRAJE – PARQUE BOTANICO MONTEIRO MOR

<http://museudotraje.imc-ip.pt/pt-PT/museu%20nacional%20do%20traje/parque/ContentList.aspx>

<http://www.lifecooler.com/Portugal/natureza/ParquedoMonteiroMor>

PALACIO DA MARQUESES DA FRONTEIRA

<http://www.frenteira-alorna.pt/index.htm>





[http://www.historiadelartemalaga.es/jose\\_miguel\\_morales/historia\\_del\\_jardin/?page\\_id=116&album=9&gallery=85&nggpage=2](http://www.historiadelartemalaga.es/jose_miguel_morales/historia_del_jardin/?page_id=116&album=9&gallery=85&nggpage=2)

FUNDACIÓN CALOUSTE GULBENKIAN

<http://turismo.org/fundacion-calouste-gulbenkian/>

<http://www.gulbenkian.pt/Jardins/index.html>

PALACIO NACIONAL DE QUELUZ

<http://courses.umass.edu/latour/Spain/mlivingstone/index.html>

[http://www.historiadelartemalaga.es/jose\\_miguel\\_morales/historia\\_del\\_jardin/?page\\_id=116&album=9&gallery=87](http://www.historiadelartemalaga.es/jose_miguel_morales/historia_del_jardin/?page_id=116&album=9&gallery=87)

<http://www.pnqueluz.imc-ip.pt/pt-PT/jardins/ContentList.aspx>

PALACIO NACIONAL DA PENA

[http://www.parquesdesintra.pt/download\\_files/SAIBA+PenaJAN2012.pdf](http://www.parquesdesintra.pt/download_files/SAIBA+PenaJAN2012.pdf)

<http://courses.umass.edu/latour/Spain/jallard/index.html>

QUINTA DA REGALEIRA

<http://www.regaleira.pt/Regaleira.aspx?aid=100015>

<http://www.mundocity.com/europa/lisboa/sintra-regaleira.html>

[http://www.historiadelartemalaga.es/jose\\_miguel\\_morales/historia\\_del\\_jardin/?page\\_id=116&album=9&gallery=88](http://www.historiadelartemalaga.es/jose_miguel_morales/historia_del_jardin/?page_id=116&album=9&gallery=88)

Parque Verde Da Mondego



<http://www.publicspace.org/es/obras/f234-parque-verde-do-mondego>

<http://www.parqueverdedomondego.pt/#/conhecer/>

<http://www.turismodecoimbra.pt/es/jardines-patrimonio-cultural/parque-verde-del-mondego.html>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Verde\\_do\\_Mondego](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Verde_do_Mondego)

PARQUE DR MANUEL BRAGA

<http://www.turismodecoimbra.pt/es/jardines-patrimonio-cultural/parque-dr.-manuel-braga-2.html>

<http://www.lifecooler.com/Portugal/natureza/ParqueDoutorManuelBraga>

<http://www.cm-coimbra.pt/pnatureza/pontochave.php?id=19>

JARDÍN BOTÁNICO DE COIMBRA

<http://www.uc.pt/jardimbotanico/espacos>

[http://www.uc.pt/jardimbotanico/O\\_Jardim\\_Botanico\\_da\\_UC](http://www.uc.pt/jardimbotanico/O_Jardim_Botanico_da_UC)

CASA DA CHÁ DE BOA NOVA MATOSINHOS

<http://alvarosizavieira.com/1963-boa-nova-tea-house>

PISCINAS DE LEÇA

<http://alvarosizavieira.com/1966-leca-swimming-pools>

PASEO Y JARDIN DAS VIRTUDES

<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=1002&AreaType=3&Area=5>

<http://es.lifecooler.com/lifecooleres/huerto-de-las-virtudes-espacios-verdes-382130-1.html>

PARQUE DA CORDOARIA



<http://www.porto-tourism.com/porto-attractions/parks-and-gardens-in-porto/cordoaria-garden.html>

<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/Descobrir/detalhespoi.aspx?poi=721&idcategory=n1n&lang=es>

<http://oportando.com/barrios/centro-de-oporto/centro-de-oporto-cordoaria/>

FUNDACIÓN SERRALVES

<http://alvarosizaveira.com/1997-serralves-museum-of-contemporary-art?nggpage=2>

[http://www.masdearte.com/index.php?option=com\\_elements&view=guia&id=1336&Itemid=28&layout=guia](http://www.masdearte.com/index.php?option=com_elements&view=guia&id=1336&Itemid=28&layout=guia)